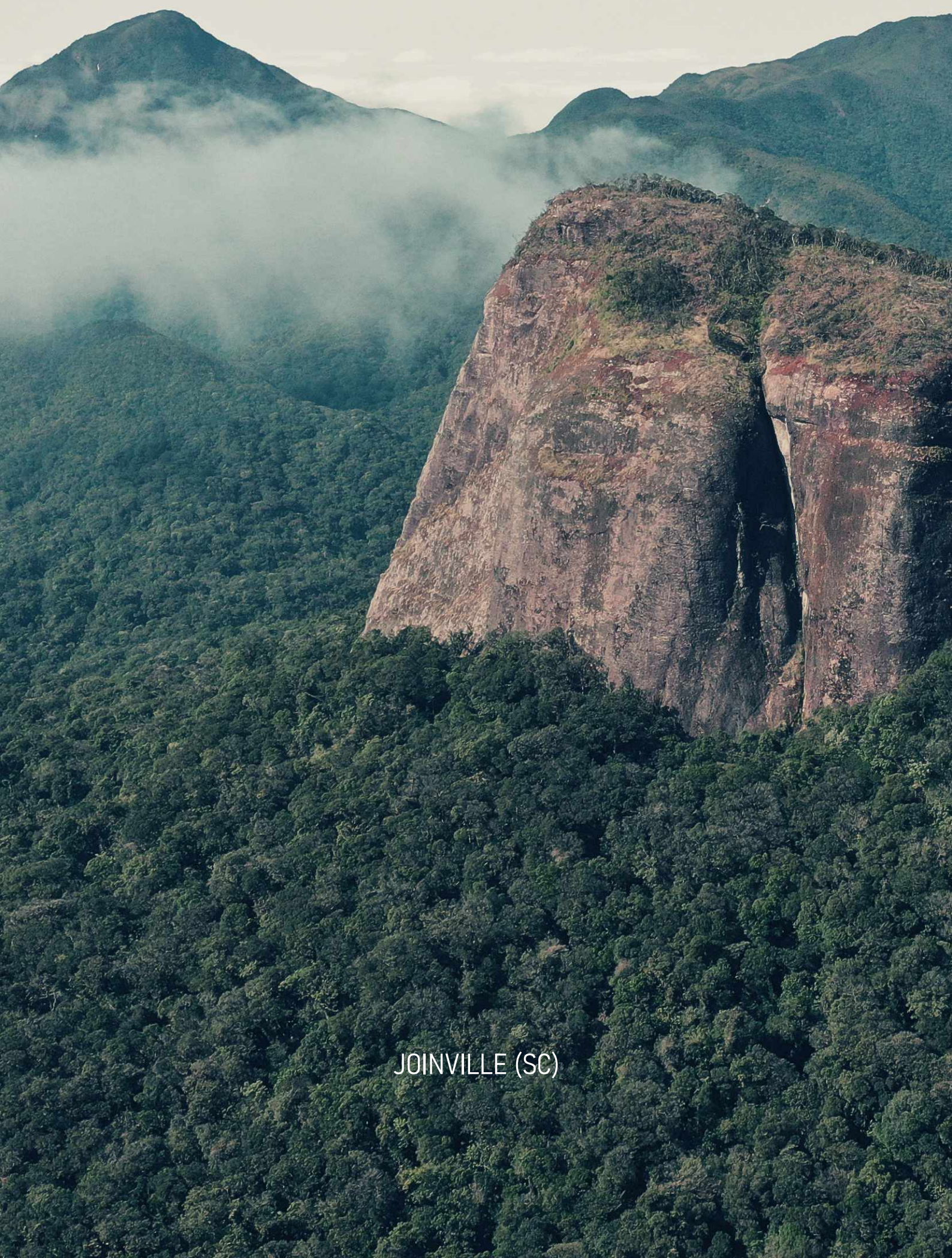


GUIA DE ESCALADA

MORRO PELADO



JOINVILLE (SC)

DEZEMBRO/2025

GUIA DE ESCALADA MORRO PELADO

Realização



DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Este guia bem como a revitalização das vias de escalada foram desenvolvidos pela **Associação Joinvilense de Montanhismo - AJM**.

A AJM, organização social sem fins lucrativos, foi fundada em 2003. Entre os seus objetivos e finalidades estão: apoiar ações voltadas ao montanhismo e esportes inerentes; difundir a conservação ambiental dos ambientes de montanha; e, fomentar a solidariedade e a união dos praticantes das atividades de montanhismo em Joinville e região.

Nesse contexto, a associação contou com o apoio e a colaboração de associados e escaladores locais de forma voluntária, que se empenharam para tornar possível a concepção deste guia.

Organização AJM

Edição, croquis,
diagramação
Yara de Mello

Trabalhos de campo

Elcio Muliki
Mariana Moser
Yara de Mello

Revitalização das vias

Elcio Muliki
Mariana Moser
Yara de Mello

Elaboração de textos

Daniel Casas
Fabio C. S. Vieira
Juliane Petry
Mariana Moser
Reginaldo Carvalho
Yara de Mello

Revisão dos croquis das vias

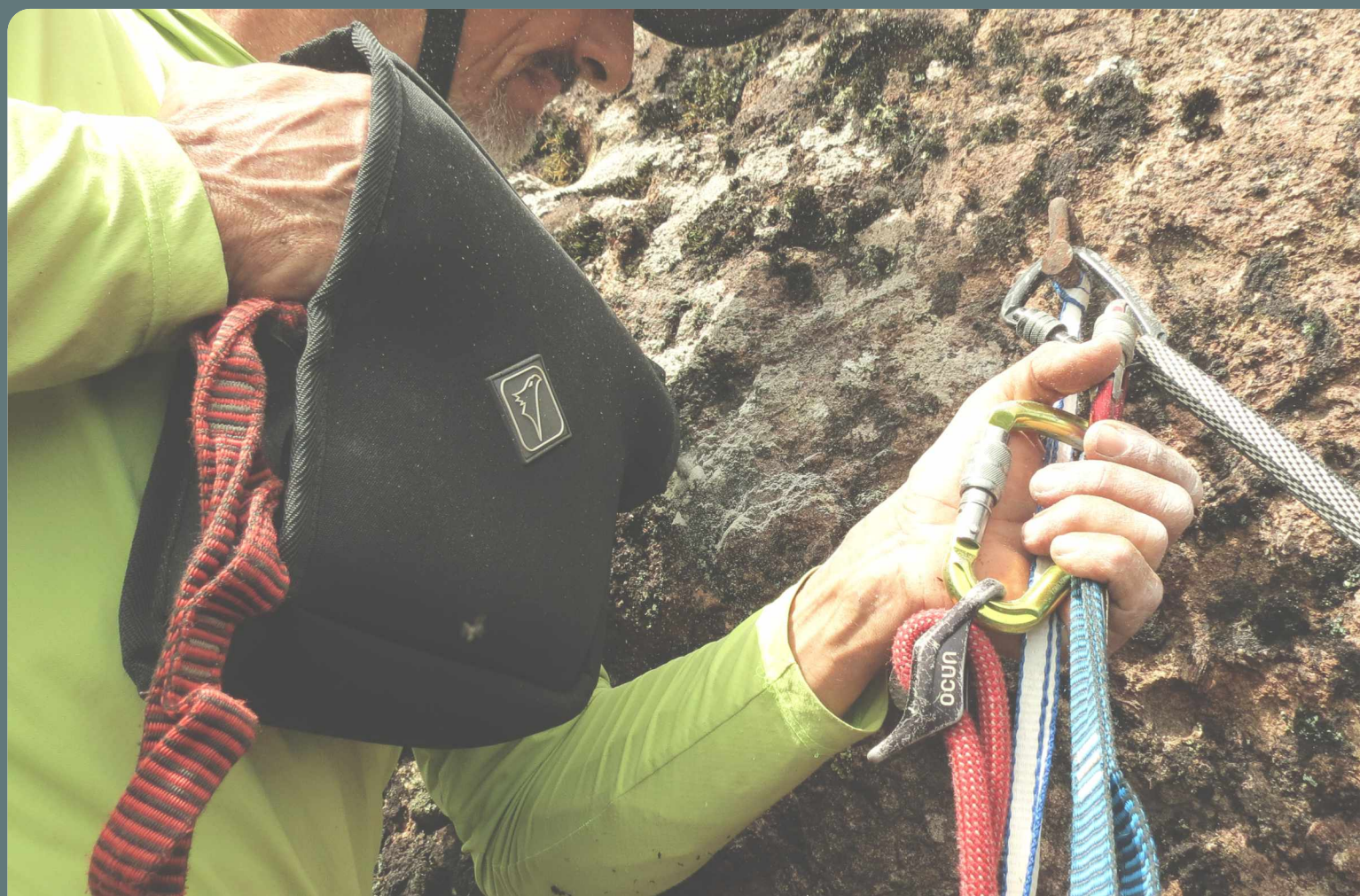
Alecsandro Urbano
Alessandro Rosário
Alexandre Lange
Daniel Casas
Diogo Ranieri
Elcio Muliki
Leandro Mathias
Marcio Hoepers
Mariana Moser

Fotografias

Autoria indicada na
foto. Não havendo
menção, Arquivo AJM.

Revisão geral

Marcio Hoepers
Mariana Moser
Yara de Mello



AGRADECIMENTOS

Aos conquistadores das vias, por possibilitar a idealização e a realização deste trabalho. Pela coragem, ousadia e determinação!

Aos colaboradores diretos e indiretos, associados ou não, que não exitaram em contribuir de forma voluntária no desenvolvimento e execução dos trabalhos de regrampeação das vias e na elaboração do guia de escalada. Pela dedicação, responsabilidade e comprometimento!

Àqueles que produziram os textos e cederam as imagens, por terem compartilhado seu conhecimento e seus olhares. Pela clareza, paciência e sensibilidade!

Aos que fortalecem o montanhismo local, consciente e organizado!

APRESENTAÇÃO

O Morro Pelado, com seu formato peculiar na silhueta das “montanhas azuis de Joinville”, teve o seu primeiro registro de ascensão em 1889, motivado pelo espírito esportivo e de aventura. Passados quase 100 anos, em 1988, foram dados os primeiros passos para empreender as conquistas das vias de escalada técnica na parede rochosa da montanha.

O estilo de escalada predominante no morro é a escalada tradicional, caracterizada por vias de múltiplas enfiadas com proteções fixas mais espaçadas entre si, uso de peças móveis ativas e passivas, proteções e ancoragens naturais, como bicos, seixos de pedra e árvores. Em resumo, uma escalada de aventura em meio a Mata Atlântica catarinense.

A Associação Joinvilense de Montanhismo (AJM), com o objetivo de preservar este legado, haja vista a consolidação e a importância do resgate histórico do desenvolvimento da escalada de aventura na região, elaborou com o apoio e colaboração de associados e escaladores o Guia de Escalada do Morro Pelado. Que reúne informações fundamentais e valiosas que visam contribuir àqueles que desejam escalar na montanha.

O guia está dividido em tópicos, dispondo de informações gerais sobre a montanha,

conteúdos sobre a formação do Morro Pelado, fauna, flora, dentre outros. Além de informações a respeito da história das escaladas, croqui detalhado das vias, com graduação sugerida, descrição, nomes dos conquistadores e material necessário para escalada, bem como imagens, relatos e curiosidades relacionadas ao Mo. Pelado.

Em paralelo a elaboração do guia foram realizados os trabalhos de revitalização das vias de escalada, manutenção das bases e trilha de acesso.

Qualquer informação que venha colaborar com a atualização do guia, bem como de novas conquistas, pode ser enviada a qualquer momento para o e-mail: montanhismo.ajm@gmail.com.

Almeja-se que este trabalho sirva de referência para que escaladores(as) desfrutem deste lugar e preservem o estilo de escalada ali consolidado, aliado aos princípios e valores fundamentais do montanhismo.

Boa leitura, boa interpretação e boas escaladas!



Respeite, proteja
e defenda a vida selvagem!



SUMÁRIO

Aspectos Gerais da Montanha.....	8
A Montanha Viva (aspectos geológicos).....	9
Flora.....	11
Fauna.....	13
História das Escaladas.....	16
Revitalização das Vias de Escalada.....	19
Conduta Ética no Montanhismo e na Escalada.....	22
Segurança e Mínimo Impacto.....	24
Orientações Gerais.....	25
Localização.....	30
Croquis de Localização.....	31
Vias de Escalada.....	32
Curiosidades e Relatos	56
Referências	67



ASPECTOS GERAIS DA MONTANHA

por Yara de Mello

O Morro Pelado (1.044 m) está localizado na Serra do Mar catarinense, na toponímia Serra do Pirai, em uma área preservada do bioma Mata Atlântica. Em relação a divisão territorial, situa-se na zona rural do município de Joinville.

Em 1997 foi criada a maior Unidade de Conservação (UC) de Joinville, a Área de Proteção Ambiental (APA) Serra Dona Francisca, na qual o Morro Pelado está inserido. Dentre os objetivos desta UC estão a conservação de remanescentes da Mata Atlântica, assim como a proteção de recursos hídricos.

No que se refere a hidrografia, o morro está localizado na bacia hidrográfica do rio Pirai, importante manancial, que juntamente com o rio Cubatão, são as principais fontes de abastecimento de Joinville. O percurso da trilha perpassa o rio principal e afluentes do Pirai, além de áreas de nascentes, por isso, é uma região sensível de conservação ambiental.

Além da importância hídrica, tem a questão da fauna e flora local, que apresenta uma rica diversidade. São encontradas diversas espécies, sendo que parte destas está na lista de espécies ameaçadas de extinção. Sendo assim, todo cuidado é necessário ao permanecer neste ambiente.

A denominação Morro Pelado está relacionada com o aspecto físico da montanha, um monólito com pouca vegetação, que se destaca na paisagem, principalmente visto a partir do Castelo dos Bugres.

No entanto, o Mo. Pelado foi primeiramente identificado como Pico do Corcovado, conforme registro do mapa de 1846 de Jerônimo Coelho, referente a demarcação do dote de terras da princesa Dona Francisca. Este nome foi atribuído, presumivelmente, pela forma que o mesmo é visto a partir da cidade de Joinville.

Pico do Corcovado

A MONTANHA VIVA

ASPECTOS GEOLÓGICOS

por Reginaldo Carvalho

As montanhas são seres planetários em outro compasso de tempo. Nascem, crescem e envelhecem, mas numa escala tão lenta que escapa à medida humana. A aparente imobilidade, pulsa nelas a respiração profunda da Terra. Cada seixo, cada fratura, cada cristal é uma memória viva do planeta que começou a se formar há cerca de 4,6 bilhões de anos.

As rochas mais antigas da região pertencem ao Cráton Luís Alves, um pequeno continente que se consolidou há 2,5 bilhões de anos. São rochas metamórficas como: gnaisses, quartzitos e ultramáficas que ainda hoje, sustentam os morros das planícies costeiras e formam o alicerce da Serra do Mar.

O Morro Pelado, guardião desse passado longínquo, é filho de Gondwana, o supercontinente que existiu entre 550 e 100 milhões de anos atrás. Naquele tempo, América do Sul, África, Antártida, Índia, Madagascar, Austrália e Nova Zelândia eram um só corpo continental, unidos pela força interior do planeta.

A rocha que dá forma ao Morro Pelado é um conglomerado, nascido de antigos leitos fluviais. Mistura de fragmentos arredondados (seixos e matacões), unidos por um cimento arenoso. Cada seixo conta a história de rios ancestrais que transportavam os sedimentos vindos da erosão de velhas montanhas gondwânicas.

Por volta de 550 milhões de anos atrás, África e América do Sul colidiram. Dessa colisão nasceu uma cordilheira colossal, erguida pelo Ciclo Brasileiro, um dos grandes episódios orogênicos que moldaram as estruturas do território brasileiro. Foi também nesse período que o magma ascendeu das profundezas, cristalizando-se em granitos e alimentando os antigos vulcões da Bacia de Campo Alegre.

Muito tempo depois, há cerca de 140 milhões de anos, Gondwana começou a se romper. A lenta separação entre América do Sul e África, abriu espaço para o magma emergir e formar o assoalho do novo oceano Atlântico Sul.



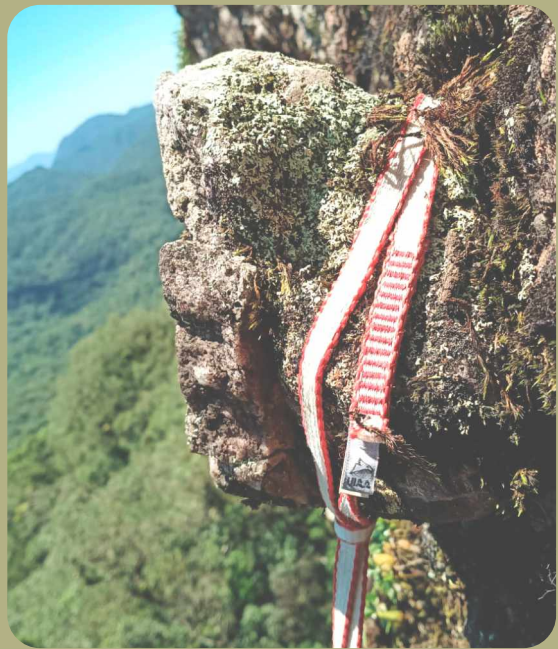
Conglomerado, formação rochosa do Morro Pelado, via Tá na Cara.

Com o avançar das eras, o relevo foi sendo modelado pelos agentes do clima. O tempo, a chuva e o vento trabalharam em silêncio, removendo montanhas inteiras e depositando seus restos em novas bacias sedimentares e no oceano. Por volta de 65 milhões de anos atrás, a separação dos continentes ainda ecoava: o bloco ocidental da Falha de Santos soergueu-se, dando origem à Proto - Serra do Mar, enquanto o bloco oriental afundou, formando a planície litorânea. A serra, então, estava em pleno movimento epirogênico ascensional, e os granitos que hoje vemos em superfície permaneciam soterrados sob quilômetros de rocha.

Com o passar do tempo, as forças da erosão esculpiram e modelaram a paisagem. O que resta hoje é o testemunho de um terreno antigo, a Serra do Mar. O Morro Pelado resiste como um guardião desse passado, uma montanha que ainda carrega a memória de Gondwana em cada fissura. Hoje, suas encostas estão novamente vivas, não mais pelas forças tectônicas, mas pela presença humana: pelas mãos que escalam, pelos passos que trilham e pelos olhares que se perdem ao apreciar o horizonte lá do alto.



Proteção móvel em buraco anteriormente ocupado por seixo, Passagem do Cacique, Morro Pelado.



Proteção natural em seixo, via Discórdia, Morro Pelado.

Escalar o Morro Pelado é, em essência, tocar a memória da Terra. É sentir na pele o eco de milhões de anos, um encontro entre o corpo e a rocha, entre o instante e o tempo geológico.



Foto: Lucas Glimm, 2020.

FLORA

por Fabio C. S. Vieira

A vegetação da área da trilha do Morro Pelado constitui-se predominantemente em Florestas, e também escassas áreas de Campos de Altitude no topo da montanha, ambos os tipos vegetacionais, estão incluídos, numa grande formação denominada **Bioma Floresta Atlântica**, um dos maiores hotspots de biodiversidade do mundo (Miers *et al.*, 2000).

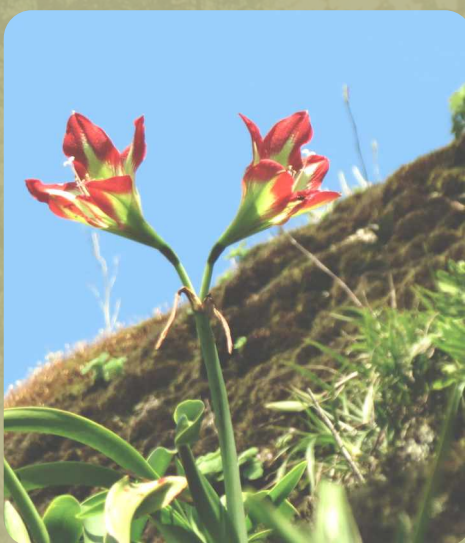
Subdividindo as áreas de Floresta, dentro da influência direta da montanha, temos considerável área sob a formação Floresta Ombrófila Densa Montana (Veloso, 1982), que abrange em nossa latitude, médias altimétricas entre 500 e 1000 m sobre o nível do mar (snm). Nesta formação se inclui, especialmente a região de acesso à trilha, e a totalidade da trilha até o sopé do afloramento rochoso do Pelado em si. Nesta área temos ambientes mais úmidos ao longo e próximos dos rios, bem como de cada meia encosta para baixo, com espécies típicas, como: diversas pimenteiras do gênero *Piper*, Begoniáceas como a *Begonia capanemae* Brade, além de Mirtáceas como *Myrceugenia myrcioides* (Cambess.) O.Berg, *Myrceugenia cucullata* D.Legrand e *Myrceugenia miersiana* (Gardner) D.Legrand & Kausel. Outras árvores comuns nestes ambientes mais úmidos são a **Canjarana** *Cabralea canjerana* (Vell.) Mart. e o **Tanheiro** *Alchornea triplinervia* (Spreng.) Müll.Arg. Nos topos dos pequenos morros e cumeeiras ao longo do caminho, outras espécies típicas destes ambientes aparecem, como: a **Licurana** *Hyeronima alchorneoides* Allemão, o **Pixiricão** *Miconia formosa* Cogn., a **Amescla** *Protium kleinii* Cuatrec. e a mirtácea *Myrceugenia seriatoramosa* (Kiaersk.) D.Legrand & Kausel. Entre as espécies ameaçadas de extinção que se observam ao longo da formação, se observa a *Euplassa nebularis* Rambo & Sleumer e a *Roupala asplenioides* Sleumer, ambas da família do carvalho brasileiro, e a Laurácea **Canela-do-marumbi** *Ocotea marumbiensis* Brotto &

Baitello, as três classificadas como ameaçadas de extinção na categoria “Em Perigo”.

Acima dos 1.000 m snm, e ocasionalmente em cotas altimétricas menores, são encontradas as plantas da Floresta Ombrófila Densa Altomontana, no Pelado, estão predominantemente sob a montanha, nas matinhas, em locais de solo mais raso e condições climáticas mais extremas e com amplitudes térmicas mais pronunciadas, entre as espécies florestais das matinhas de altitude ou Mata Nebular (Klein, 1978), podem-se citar: a **Casca de Anta** *Drimys brasiliensis* Miers, o **Guaraparim miúdo** *Ouratea sellowii* (Planch.) Engl., o **Pinheirinho** *Podocarpus sellowii* Klotzsch ex Endl., o **Guamirim-branco** *Myrcia guianensis* (Aubl.) DC., e os **Cambuís** *Eugenia neomyrtifolia* Sobral e *Myrciaria* sp.



Menta da Montanha (*Hesperozygis nitida*).
Foto: Fabio C. S. Vieira.



Amarilis (*Hippeastrum glaucescens*).
Foto: Yara de Mello, 2025.

Nos campos, existentes no topo da montanha e considerados de altitude, ou relictos de formações vegetacionais muito mais amplamente distribuídas na última era do gelo, predominam gramíneas de espécies diversas e asteráceas do gênero *Baccharis* como as Carquejas e Vassourinhas e Lamiáceas como a *Hesperozygis nitida* (Benth.) Epling, com aroma que lembra hortelã ou menta. A região da Serra do Mar, no extremo nordeste de Santa Catarina, tem elevada biodiversidade, sendo inventariada de forma espontânea e voluntária, por montanhistas (Fábio C. S. Vieira, Fabrício S.

Meyer, Werner S. Mancinelli, etc.) que pela paixão e afinidade com as montanhas dedicaram parte de seu tempo a descobrir um pouco mais destes fantásticos ambientes e que ainda escondem espécies desconhecidas pela ciência que tem sido e serão publicadas no futuro (Mancinelli, 2015; Meyer, 2016; Sobral et al., 2019; Vieira, 2020; Vieira et al., 2025), e merecem atenção e respeito de todos, tanto pela biodiversidade em muito desconhecida, bem como pela nobre função de contribuir para o abastecimento de água das populações humanas a jusante.



FAUNA

por Juliane Petry

A complexidade topográfica das montanhas da região de Joinville proporcionou condições ecológicas variadas nos ambientes terrestre e aquático, moldando a grande riqueza de fauna do nordeste catarinense. O Morro Pelado, inserido na APA Serra Dona Francisca, está no coração de uma das áreas de Mata Atlântica mais bem conservadas do país. Até o momento mais de 500 espécies de vertebrados foram registradas para a APA: 27 espécies de peixes de água doce, 43 espécies de anfíbios, 46 espécies de répteis (lagartos e serpentes), 274 espécies de aves e 112 espécies de mamíferos. Muitas são endêmicas ou ameaçadas, o que reforça o caráter único da região.

Ao adentrar pelas trilhas rumo ao Morro Pelado, cruzamos riachos límpidos que abrigam o limpa-vidro-de-nadadeira-vermelha (*Parotocinclus maculicauda*) e o cascudinho (*Pareiorhaphis splendens*). Nas corredeiras, é possível observar as rãs-de-corredeira (*Hylodes spp.*) e, em remansos, os girinos da perereca-flautinha (*Aplastodiscus albosignatus*) que após um tempo deixam a água em forma adulta. Entre as bromélias no alto das árvores, vive a perereca-marsupial (*Gastrotheca microdiscus*), cujo canto lembra o da araponga (*Procnias nudicollis*), enquanto no chão da floresta se camufla o sapo-de-chifre (*Proceratophrys boiei*). É também ambiente de muitas serpentes (temidas por muitos, mas em sua maioria inofensivas) como a dormideira-cinzenta (*Dipsas neuwiedi*), ou que apenas fingem perigo, como a falsa-cobra-coral (*Erythrolamprus aesculapii*). Já nos galhos, o olhar atento pode encontrar o camaleãozinho (*Enyalius iheringii*) ou a lagartixa-do-mato (*Placosoma cordylinum*).

No estrato arbóreo predominam as aves, que dão cor e som à floresta. Algumas espécies emblemáticas são o araçai-poca (*Selenidera maculirostris*), o sabiá-cica (*Triclaria malachitacea*) e o cuspidor-de-

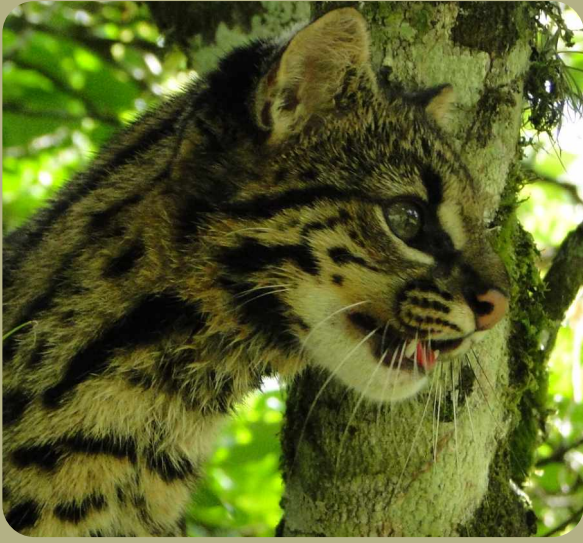
máscara-preta (*Conopophaga melanops*). No entanto, não é apenas no alto que a vida pulsa: pegadas de anta (*Tapirus terrestris*), mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), gato-do-mato-pequeno (*Leopardus guttulus*), ou mesmo do graxaim (*Cerdocyon thous*) podem ser observadas no solo úmido das trilhas.

Todos esses animais exercem funções essenciais: dispersam sementes, polinizam, reciclam nutrientes e mantêm o equilíbrio da cadeia alimentar como presas e predadores. Porém, enfrentam ameaças constantes. A degradação do habitat, a caça ilegal, a poluição dos rios e do solo e outras atividades humanas fragilizam a fauna local, desestabilizando o ecossistema. Espécies como o gavião-pombo-pequeno (*Amadonastur lacernulatus*), a maria-leque-do-sudeste (*Onychorhynchus swainsoni*), a muçurana (*Clelia plumbea*) e a temida suçuarana (*Puma concolor*) já estão em categorias de ameaça de extinção.

Observar a vida na floresta é refletir a cada passo a singularidade desse ambiente. Dessas mais de 500 espécies de vertebrados, sem falar dos incontáveis invertebrados, quantas passam despercebidas? O Morro Pelado é mais que uma rocha a ser conquistada: é um templo natural moldado por milhares de anos, que resiste e abriga um refúgio da Mata Atlântica. Cabe a nós proteger essa riqueza para que possamos compartilhar momentos únicos e garantir que a fauna que habita essas montanhas permaneça como legado às futuras gerações.



Camaleãozinho (*Enyalius iheringii*).
Foto: Juliane Petry, 2013.



Gato-do-mato-pequeno (*Leopardus guttulus*).
Foto: Gilian da Silva, 2012.



Perereca-marsupial (*Gastrotheca microdiscus*).
Foto: Juliane Petry, 2017.



Cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*).
Foto: Luciano Costa, 2019.



Sapo-de-chifre (*Proceratophrys boiei*).
Foto: Juliane Petry, 2013.



Dormideira-cinzenta (*Dipsas newwiedi*).
Foto: Juliane Petry, 2013.



Perereca-flautinha (*Aplastodiscus albosignatus*).
Foto: Juliane Petry, 2013.



Araçari-poca (*Selenidera maculirostris*).
Foto: Lucas Glimm, 2018.



Falsa-cobra-coral (*Erythrolamprus aesculapii*).
Foto: Lucas Glimm, 2018.



Jararaca (*Bothrops jararaca*). Foto: Lucas Glimm, 2017.

HISTÓRIA DAS ESCALADAS

por Reginaldo Carvalho

A construção e a consolidação do setor de escalada do Morro Pelado, resultam da soma de esforços de diversos protagonistas que, ao longo do tempo, contribuíram com dedicação e obstinação. Todos compartilharam o mesmo desejo: traçar novas linhas nas paredes verticais e desafiadoras desse monolito tão promissor para a escalada tradicional.

Atualmente, essas vias são patrimônios da comunidade escaladora. Refletem um estilo próprio, harmônico com o caráter singular do lugar onde estão materializadas. Cada uma carrega sua própria história, e este texto é apenas uma breve síntese, um registro conciso de suas existências.

Falando em ascensões, muito provável que as primeiras ascensões dessa icônica montanha, remontem aos povos ameríndios pré-colombianos, muito antes da invasão europeia, embora não existam provas mais concretas.

Conforme relatos orais de colonos habitantes do entorno, há muito tempo atrás, foram encontrados artefatos cerâmicos junto ao abrigo natural sob rocha, existente no sopé da montanha. Esses artefatos, provavelmente eram oriundos de povos Itararé ou Xokleng, do tronco étnico Jê.

Esse espaçoso e acolhedor abrigo natural, já serviu de dormitório à inúmeros escaladores que tiveram o privilégio de pousar uma noite no local, carinhosamente chamado de Mocó. Até o momento, o registro escrito mais antigo de ascensão ao Morro Pelado, é datado de 4 de setembro de 1889, quando uma equipe liderada por Etienne Douat, chegou ao topo e hastearam uma bandeirola para sinalizar o êxito da ascensão. Na época, o curioso episódio foi publicado no periódico Jornal Sul, de 8 de setembro de 1889.

Desde tempos longínquos, figuras anônimas como: colonos mateiros, aventureiros e caçadores, já frequentavam esse lugar. Entre os anos de 1945 a 1960, a montanha recebeu visita de membros do Centro Excursionista Monte Crista (CEMC), alguns sócios também

afirmavam a narrativa dos artefatos cerâmicos de outrora.

Durante as décadas de 1980 e 1990, integrantes do Centro Excursionista Barriga Verde (CEBV), também percorriam suas trilhas até o topo e pontos de interesse.

Foram também membros do CEBV, os primeiros escaladores que realizaram investidas nos paredões do Pelado. Em uma ocasião, no ano de 1988, tentaram a abertura de uma linha na aresta noroeste, fixando dois grampos P, entretanto, a via não chegou a ser concluída.

Posteriormente, em julho de 1998, depois de um hiato de dez anos, outra geração de escaladores retomaram as investidas e abriram a via Discórdia 4º/V, E4, 100 m, primeira via de escalada do morro. Via arrojada que imprimiu o estilo de escalada do lugar, seu nome está relacionado a um desentendimento ocorrido durante a abertura.



Ingo em 1988 na tentativa de abertura de via na aresta noroeste.



Reginaldo na via Tá na Cara.

A face norte é a porção mais vertical, contínua e extensa de rocha exposta do Morro Pelado, apelidada de: “Cara do Mamute”, pois a aparência do monolito, visto de longe, apresenta certa semelhança morfológica com o lendário animal.

Abrir uma linha nessa face, era o que o pessoal desejava naquele momento, então após estudos e investidas, foi concluída a via Tá na Cara, 4º/VIsup, E3, 145 m, a segunda via de escalada do morro e a primeira que acessou diretamente o cume.

Na sequência, em maio de 2000, foi aberta a Fenda Principal 5º/VI, E3, 100 m, seguindo a linha mais natural e evidente da montanha, transcorrendo por dentro da grande chaminé. É uma via emblemática da filosofia da escalada limpa, ou seja, não possui proteções fixas, sendo todas as proteções móveis e naturais, utilizando as fissuras, fendas e vegetação da parede.

Em 2002, após uma exploração, foi redescoberta a linha da tentativa do pessoal do CEBV de 1988, como a via estava abandonada, foi realizada a sua conclusão, sendo batizada de: Nos Tempos da Brilhantina 5º/VI, E3, 55 m.

Outra linha do mesmo período é a Tudo em Família 5º/Vsup, E4, 55 m, aberta no mês de junho de 2003, em um setor ainda não explorado da montanha, localizado acima do mocó do Pelado.

Novamente ocorreu uma lacuna de quinze anos sem aberturas de vias, até que em 2018, iniciou mais um novo e produtivo período de aberturas de vias.

Esse novo período principiou com a via Old is Cool 4º/IVsup, E2, 70 m, bonita linha que transcorre paralela e conectando-se no final com a via discórdia, mesclando proteções fixas e móveis, considerada uma via para iniciar nas escaladas do Morro.

Na sequência em 2019, foi finalizada a via Corcovado 5º/VI, E3, 90 m, também como as demais, foi aberta em várias investidas, pode ser considerada uma clássica, pois reflete fielmente o estilo de escalada do Morro Pelado.



Topera na via Tudo em Família.



Daniel na via Nos Tempos da Brilhantina.



Urbano durante a conquista da via Corcovado.



Leandro na conquista da via Nu, batendo a primeira proteção a mão.

O histórico de aberturas de vias no Morro Pelado, pode ser dividido em duas eras, a anterior ao incêndio e a posterior ao incêndio. A via que encerra a era anterior ao incêndio, é a Moconnection 5º/VIIa, E4, 70 m, também finalizada em 2019, cujo objetivo era abrir uma linha para conectar o Mocó direto para o Cume. Por um imprevisto, a linha acabou conectando na via Tudo em Família, que se encontrava um pouco mais à direita.

Em maio de 2020, um incêndio devastou o Morro Pelado, queimando por completo toda sua vegetação. A ampliação das áreas de rocha exposta, despertou o interesse dos escaladores, que visualizavam a possibilidade de abrir novas linhas mais longas e contínuas.

Poucos meses depois, um grupo de escaladores iniciou a via chamada Nu 5º/Vsup, E2, 70 m, seguindo os padrões de nomes criativos do lugar. Essa via, marca o início da era pós incêndio, muito embora, não esteja concluída.

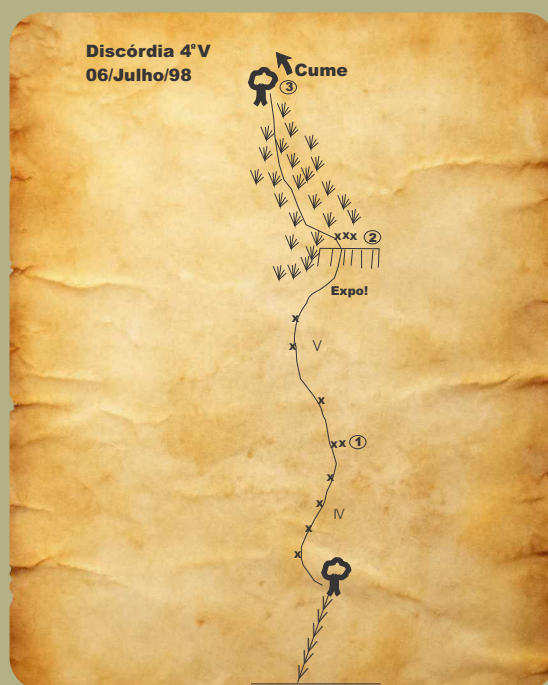
Outra linha que também define o início da era pós incêndio, é a Fogo do Criador 5º/VIIa E2, 140 m. Iniciada também meses após o incêndio, foi finalizada em 2023, após diversas investidas trabalhosas, pois ainda havia muitos fragmentos provenientes do incêndio recém ocorrido. Mesmo com poucas repetições, ela pode ser considerada uma Neoclássica do Morro.

O fatídico incêndio de 2020, levou a necessidade de reformulações em várias vias da era anterior, nas partes onde havia vegetação, sendo adicionadas novas enfiadas nesses trechos. Algumas das vias, ainda não passaram por essas adequações até a data de lançamento do presente Guia de Escaladas, porém estão em andamento.

Os trechos de trepa mato da era anterior ao incêndio, eram bastante desafiadores, verticais e muito delicados, com escassos pontos de proteção. Agora com sua regeneração, a comunidade deverá acompanhar para realizar futuras reformulações. Diante de tantas histórias traçadas verticalmente nas paredes do Morro Pelado, a montanha ainda dispõe de sua grandeza para quem também queira

contribuir com a continuidade da história de aberturas de novas linhas.

É importante destacar que os protagonistas das eras e períodos subsequentes, tenham sempre em mente a responsabilidade de manter o estilo, a ética e o respeito, perpetuando a relação harmônica com a montanha.



Croqui antigo da via Discórdia.



Cliff utilizado durante a abertura da via Fogo do Criador.



Marcelo durante a abertura da via Fogo do Criador.

REVITALIZAÇÃO DAS VIAS DE ESCALADA

Para a elaboração do Guia de Escalada do Morro Pelado foi necessário fazer um levantamento de todas as vias e projetos de vias existentes, com a elaboração de um croqui inicial revisado conjuntamente com os conquistadores. A partir disso, foi possível quantificar as vias, fazer o reconhecimento das bases e iniciar o planejamento da revitalização.

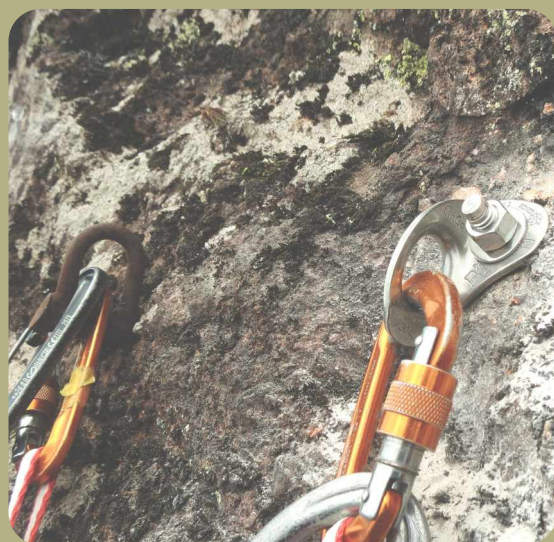
Durante o ano de 2025 foram realizadas um total de 10 investidas até o morro, que ocorreram entre os meses de junho a novembro. Nessas idas a campo foram realizadas atividades como: localização e repetição de vias, regrampeação de vias e duplicação de paradas, limpeza de bases, captação de fotografias para o guia, e sinalização da trilha. O período apresentou chuvas frequentes o que acabou dificultando um pouco os trabalhos.

As vias que verificou-se ser necessária manutenção foram regrampeadas, sendo elas: Tudo em Família (2003), Discórdia (1998) e Tá na Cara (2000). A via Nos Tempos da Brilhantina (2002) foi regrampeada no dia 23 de maio de 2018 por Alexandre Langer, Daniel Casas e Reginaldo Carvalho. Das linhas mais antigas, apenas a Fenda Principal (2001) não está inclusa nessa lista, já que a mesma não possui proteções fixas.

Grampos, chapeletas caseiras e spits em más condições de utilização, deteriorados pelo tempo e exposição às intempéries e ao incêndio (2020), foram substituídos por chapeletas PinGo e parabolts de mesmo material. A empresa Bonier doou metade das chapeletas necessárias para os trabalhos de revitalização, bem como foi recebida doação dos escaladores e conquistadores de vias do Mo. Pelado: Alessandro Rosário e Márcio Hoepers.

Além da troca das proteções das vias mencionadas acima, foi duplicada a P1 da via Moconnection e a P5 e P6 da via Fogo do Criador. As duas paradas da via Tudo em Família eram originalmente simples, e foram

duplicadas. E a via Tá na Cara, originalmente, tinha a P3 como uma árvore, e foi batida uma parada dupla no trabalho de regrampeação. Foi adicionada uma chapeleta na via Old is Cool (a primeira da saída), trabalho realizado pelo conquistador da via Diogo Ranieri com a participação da escaladora Luana Hudler. Ainda, Diogo Ranieri e Leandro Mathias fizeram modificações na disposição de proteções fixas da terceira enfiada da via Old.



Regrampeação da via Tudo em Família, 2025.



Regrampeação da via Discórdia, 2025.



Chapeleta PinGo colocada na via Tá na Cara, 2025.



Chapeletas PinGo Bonier

As chapeletas PinGo da Bonier são dispositivos de ancoragem esportiva de 25kN em Inox 304L. Versátil, apresenta alta resistência à corrosão, resistindo às condições da montanha, além de possibilitar o rapel direto da chapeleta devido a sua aba arredondada reduzindo o desgaste da corda. **ATENÇÃO!** Para o rapel, no caso da utilização da chapeleta PinGo, é recomendado que se utilize DOIS pontos de ancoragem.



Conforme os trabalhos foram sendo realizados percebeu-se que o incêndio de 2020 modificou a condição de escalada de algumas vias, a Tá na Cara, por exemplo, tinha a primeira enfiada de puro trepa-mato (55 m) e finalizava com mais 30 metros de mato (mais rasteiro) até o cume da montanha; e a base da via Nos Tempos da Brilhantina era suspensa, acessada por meio de uma espécie de emaranhado de raízes e árvores. Nesse sentido, foi necessário fazer algumas adaptações, que possibilitassem a continuidade da escalada nessas linhas, buscando preservar as suas características originais. Os trabalhos foram feitos com o aval dos conquistadores respeitando a ética na escalada.

Juntamente aos trabalhos de regrampeação foi realizada a sinalização da trilha principal de acesso a base das vias. O processo de sinalização levou em consideração os seguintes aspectos: manter a característica do local e o mínimo impacto visual possível; auxiliar na orientação de modo a evitar a ocorrência de pessoas perdidas; o acesso ser compartilhado no início com a trilha do Castelo dos Bugres, e com a trilha para o cume do Mo. Pelado; evitar a sinalização ostensiva da trilha que vem ocorrendo nos últimos anos.

Ainda, buscou-se possibilitar a aventura aqueles que frequentam essa trilha, pressupondo o risco e a incerteza, bem como visando o desafio natural, a assunção de riscos e a responsabilidade pessoal pelos frequentadores. Dessa maneira, optou-se por uma sinalização discreta, permitindo que os visitantes façam o gerenciamento do seu próprio risco.

A sinalização foi feita com fita em poliéster refletiva na cor cinza, disposta nos caules de árvores em locais de alerta de riscos, direcional nas bifurcações, pontos de atalhos,

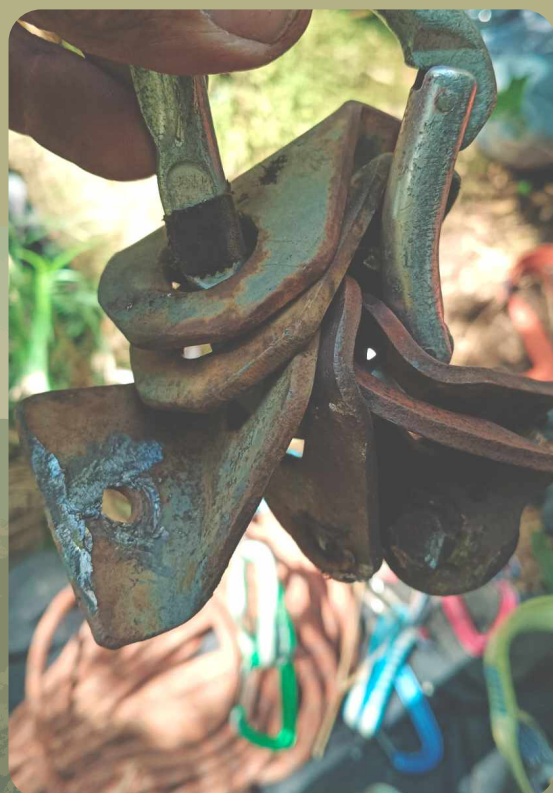
locais de difícil orientação, e na transposição de rios.



Exemplo de sinalização feita com a fita refletiva.



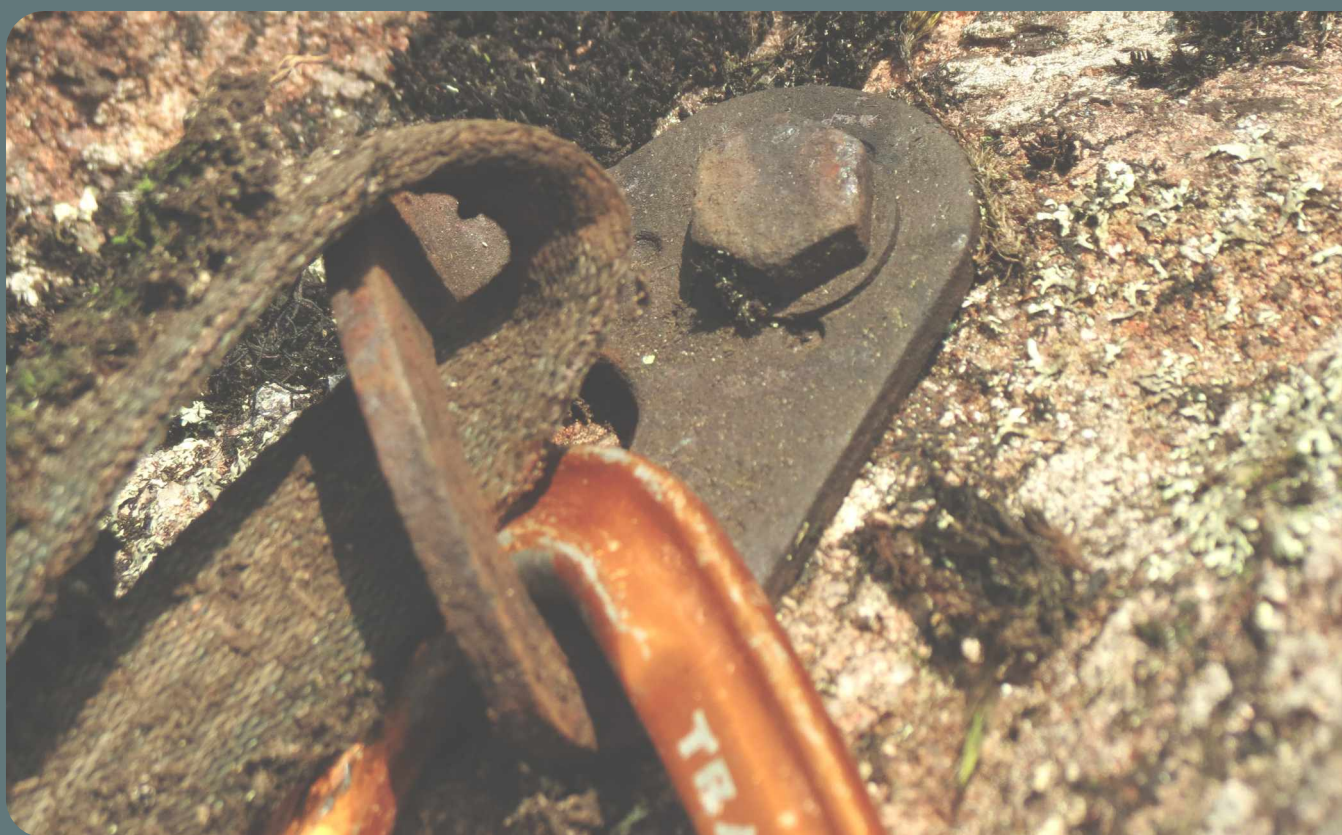
Yara, Mariana e Elcio na repetição da via Tá na Cara, 2025.



Proteções retiradas da via Discórdia.



Registro durante a regrampeação da via Tá na Cara.



Registro durante a regrampeação da via Discórdia.



Registro durante a regrampeação da via Discórdia.

CONDUTA ÉTICA NO MONTANHISMO E NA ESCALADA

por Daniel Casas

Escalar uma montanha ou superar uma via não é apenas um ato físico; é um diálogo silencioso com a natureza, uma relação de respeito e responsabilidade. O montanhismo e a escalada desafiam não apenas nossos limites, mas também nossa consciência ética, exigindo decisões que reflitam cuidado com o ambiente, consideração pelos companheiros e respeito pela história da escalada.

As montanhas são ecossistemas vivos, frágeis e milenares. Cada passo, cada aperto de mão nas agarras, cada escolha de rota carrega impacto. Preservar esses espaços não é uma opção, é um compromisso: trilhas devem ser minimizadas, resíduos devem ser recolhidos, e a fauna e flora locais devem ser protegidas de qualquer interferência. O escalador que reconhece o valor intrínseco da montanha entende que a verdadeira conquista vai além da chegada ao cume; ela está em deixar a montanha tão intacta quanto a encontrou.

Planejar rotas, avaliar riscos, checar equipamentos e condições meteorológicas são práticas indispensáveis. A responsabilidade não se limita à autoproteção: envolve cuidar do parceiro, tomar decisões conscientes e garantir que cada ação contribua para a segurança do grupo. Prudência e atenção aos detalhes são essenciais para preservar vidas e a integridade de todos.

Reconhecer e respeitar a história da escalada é parte da ética. O conceito de "direito autoral de conquista" valoriza o mérito de quem abriu uma via inédita. Não reivindicar conquistas alheias como próprias, registrar primeiras ascensões com precisão e não alterar ou modificar rotas sem autorização dos conquistadores originais são atitudes que preservam a história da escalada, a integridade das vias, a confiança entre os praticantes e por fim, a pluralidade de estilos.



A integridade física das vias é um pilar fundamental. Alterar a rocha – cavar agarras, lixar superfícies ou instalar estruturas artificiais – são práticas inaceitáveis, prejudica futuras experiências e desrespeita a natureza. Sempre que possível, deve-se priorizar proteções móveis, como nuts e friends, preservando o mínimo impacto. Proteções fixas devem ser utilizadas apenas quando estritamente necessárias, com materiais adequados e instaladas de forma consciente e segura.

A escalada é, ainda, uma prática comunitária. Respeitar outros praticantes, compartilhar conhecimento, orientar iniciantes com paciência e agir com solidariedade em momentos críticos fortalece o espírito coletivo. Este comportamento cria uma cultura de segurança, preservação e responsabilidade, onde a experiência de cada um contribui para a riqueza do todo. Além disso, observar normas legais, respeitar restrições de acesso e valorizar tradições locais garante que a prática seja harmoniosa, sustentável e culturalmente consciente.

No fim, a ética no montanhismo não é um conjunto de regras rígidas, mas um legado que cada escalador deixa. Cada ação preserva ou altera o ambiente, influencia futuros praticantes e reflete a maturidade de quem escala. Minimizar impactos, conservar vias, respeitar conquistas e agir com consciência transforma a escalada em algo muito maior do que atingir o cume: transforma-a em uma experiência de respeito, aprendizado e perpetuação de um espaço sagrado que pertence a todos, mas exige cuidado de cada um.



SEGURANÇA E MÍNIMO IMPACTO

Com o número crescente de pessoas frequentando os ambientes naturais, aumenta o impacto humano no meio ambiente e este processo tende a modificar e afetar a vida silvestre. A proteção destes locais depende muito do comportamento daqueles que os frequentam.

Existem condutas adotadas e utilizadas em diversos locais do mundo a fim de mitigar os impactos gerados, sendo elas: agir com valores e princípios éticos, ressaltando a responsabilidade individual; avaliar os riscos e as habilidades; buscar a excelência; e, respeitar o meio ambiente, demais praticantes e as próximas gerações.

Essas condutas, princípios e valores foram adotados na Declaração de Tirol promulgada na Conferência sobre o Futuro dos Esportes de Montanha, realizada em 2002 em Tirol, na Áustria, na qual foi feito um apelo à comunidade de esportes de montanha como um todo para que cada indivíduo:

- ✓ Aceite o risco e assuma a responsabilidade;
- ✓ Equilibre seus objetivos com habilidades e equipamentos;
- ✓ Pratique por meios razoáveis e relate honestamente;
- ✓ Esforce-se pela melhor prática e não pare de aprender;
- ✓ Tolere, respeite e ajude os demais praticantes;
- ✓ Proteja o caráter selvagem e natural das montanhas;
- ✓ Apoie as comunidades locais e o desenvolvimento sustentável.



DECLARAÇÃO DE TIROL

Para saber mais acesse:

<<<https://www.theuiaa.org/tyrol--declaration/>>>

E leia na íntegra a Declaração de Tirol promulgada na Conferência sobre o Futuro dos Esportes de Montanha, realizada em 2002 em Tirol, Áustria.

Aspectos importantes relacionados à segurança:

- ✓ Consulte a previsão do tempo e esteja atento às condições meteorológicas;

- ✓ Comunique um familiar ou amigo sobre o local que você pretende ir e a previsão do seu retorno;
- ✓ Leve os itens mínimos necessários para uma aventura na natureza: lanterna, anorake, calçado adequado, água e alimentação;
- ✓ Verifique sobre a trilha e tenha um prévio conhecimento sobre o grau de dificuldade;
- ✓ Se a ideia é fazer um bate e volta, tenha em mente uma estratégia de retorno, de preferência que aconteça antes de anoitecer e conte com imprevistos;
- ✓ Leve protetor solar e tenha uma estratégia para manter-se hidratado, analise os pontos de água;
- ✓ Tenha consigo um kit mínimo de primeiros socorros;
- ✓ Leve um documento cartográfico impresso ou digital, que saiba interpretar e operar;
- ✓ Em caso de ACIDENTES, avalie e se necessário, acione o Corpo de Bombeiros por meio do 193;



GRUPO DE RESGATE EM MONTANHA (GRM)

Em Joinville existe o **GRM** que atua em operações de resgate em áreas remotas da região.

O grupo está vinculado à Defesa Civil de Joinville e tem como objetivo apoiar os órgãos de resposta como a Defesa Civil, Polícia Militar, Bombeiros e outros.

No site da instituição é possível efetuar o cadastro da sua atividade local junto ao formulário "Aventura Segura Consciente", a fim de servir para o grupo como fonte de informação em casos de emergência.

Lembrando que o acionamento para os casos de acidentes é por meio do 193. O site contempla também informações e dicas de segurança.

Esteja ciente que você está entrando em um ambiente de montanha e espera-se dos escaladores um alto nível de consciência e responsabilidade ambiental, almeja-se que incorporem a atividade de escalada à ética de mínimo impacto:

- ✓ Pratique as atividades de forma ambientalmente sensível agindo na preservação dos ambientes de montanha e da vida selvagem;
- ✓ Caminhe em pequenos grupos e nas trilhas pré determinadas;
- ✓ Seja responsável pelo lixo produzido e por aqueles que eventualmente encontrar;

- ✓ Procure não agredir o senso estético das pessoas e sonoro da natureza;
- ✓ Leve e use shit tube, mesmo em atividades de bate e volta;
- ✓ Todos os materiais de escalada devem ser removidos da montanha;
- ✓ Leve e utilize o fogareiro, não faça fogueiras;
- ✓ Não construa qualquer tipo de estrutura ou altere o curso do corpo hídrico;
- ✓ Animais domésticos não devem frequentar ambientes de montanha;
- ✓ Respeite a fauna e a flora local;
- ✓ Esforce-se para não deixar rastros.



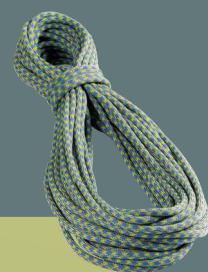
SHIT TUBE

Para mais informações sobre como utilizar o shit tube e descartar os resíduos acesse:

<<linktr.ee/ajm.org.br>>




ORIENTAÇÕES GERAIS





- 🔗 Leia com atenção o Aviso de Advertência e Assunção de Risco disposto neste guia;
- 🔗 As graduações das vias são sugeridas pelos conquistadores, ao escalar considere a sua experiência e prática em escalada nos ambientes de montanha;
- 🔗 No guia foi utilizado o Sistema Brasileiro de Graduação de Vias de Escalada, adotado em 2007 pela CBME;
- 🔗 O grau "E" de exposição não é de uso obrigatório, no entanto, em se tratando de escaladas em ambientes de montanha é importante mencionar, pois expressa o grau de comprometimento psicológico. Atente-se ao E!;
- 🔗 Quanto aos SLCDS - Spring Loaded Camming Device, designação técnica para as peças móveis ativas, recomenda-se utilizar como referência padrão os camalots da Black Diamond, sendo assim no guia um jogo corresponde às peças do tamanho .4 ao 4 e serão indicadas por Cam #.4 ao #4 e peças individuais por # e número;
- 🔗 As vias são de mais de uma enfiada, de modo geral exigem poucas horas de escalada, porém, considere o tempo de



trilha até chegar na base das vias e seu retorno;

- 🔗 O tipo de rocha (sedimentar) é o conglomerado, buracos e fendas propiciam o uso de peças móveis ativas e passivas, seixos e bicos de pedra para as proteções naturais e em árvores;
- 🔗 A escalada é predominantemente em agarras, paredes em inclinação vertical, positiva e alguns lances negativos;
- 🔗 Atenção às lacas e seixos soltos, avalie sempre a qualidade da rocha, pois o ambiente de montanha é dinâmico;
- 🔗 Considere que o local não é muito frequentado por escaladores e no ano de 2020 houve um grande incêndio modificando de forma significativa a parede rochosa;
- 🔗 Recomenda-se o uso de duas cordas de 60 m ou uma de 70 m;
- 🔗 Leve ao menos 12 costuras com fitas entre longas e médias e anéis de fita extra para as proteções naturais;
- 🔗 O período do ano recomendado para a escalada é entre os meses de abril a agosto;
- 🔗 Esteja atento às tempestades e chuvas, a



trilha cruza rios em pelo menos cinco pontos;

-  Com relação à água, recomenda-se levar ou abastecer no último rio antes de chegar na base das vias, que fica a cerca de 40 minutos;
-  Leve repelente, atente-se à animais peçonhentos e carrapatos;

-  O local possui sinal ruim de operadoras de celular, a Claro é a que tem o melhor sinal, sendo assim, se organize com Google Maps ou aplicativo similar antes de chegar no endereço da base;
-  No Morro Pelado as vias foram conquistadas no estilo tradicional, ou seja, vindas de baixo para cima.



Carrapatos

Confira as recomendações e cuidados pessoais de prevenção para minimizar a permanência ou contato com os carrapatos:

páginas 58 e 59



NA OCASIÃO DA ABERTURA DE NOVAS VIAS:

- Siga a ética e estilo de conquista local;
- Não cave ou forge agarras alterando propositalmente a característica da rocha;
- Sempre que possível priorize o uso de proteções móveis e naturais;
- Informe sobre a nova rota à comunidade local de escaladores e associação para atualização do guia.



AVISO DE ADVERTÊNCIA



A atividade de escalada em rocha tem elevado potencial de risco! Os riscos inerentes à atividade podem ser decorrentes de fatores como:

- ◆ Ataques de animais peçonhentos;
- ◆ Exposição às condições climáticas adversas e às consequências diretas destas, como insolação, hipotermia, desidratação, etc.;
- ◆ Quedas de pedras, galhos, equipamentos e outros;
- ◆ Terrenos instáveis e expostos;
- ◆ Falha de equipamentos e de proteções fixas ou móveis decorrentes de: mau uso, desgaste, exposição ao tempo e degradação do material ou outras razões;
- ◆ Comportamentos ou julgamentos errôneos, negligentes ou imprudentes de terceiros ou de si próprio;
- ◆ Perigos subjetivos como medo e cansaço, estresse físico e psicológico;
- ◆ Quedas, impactos e morte.

Além dos riscos acima citados, atente-se que outros imprevistos podem ocorrer, podendo causar lesões, incidentes, acidentes graves e até fatais. Tenha em mente que a montanha é dinâmica.

A realização da atividade depende do preparo físico, psicológico, conhecimento técnico adequado, experiência e avaliação dos riscos, sendo responsabilidade **EXCLUSIVA** do praticante tal avaliação, ou seja, a sua segurança depende do seu próprio julgamento e capacidade de avaliar.

É possível minimizar os riscos, mas não neutralizá-los, nesse sentido, seguem algumas orientações:

- ✓ Tenha o domínio de técnicas de escalada para o estilo pretendido;
- ✓ Tenha o domínio de técnicas de auto resgate;
- ✓ Saiba usar os equipamentos específicos e adequados, de segurança certificada, bem como seja responsável pela manutenção dos mesmos;
- ✓ Tenha noção e conhecimento de orientação em ambientes de montanha;
- ✓ Tenha um conhecimento básico de primeiros socorros;

- ✓ Saiba lidar com situações de estresse;
- ✓ Esteja com um bom condicionamento físico, condições de saúde e apto a realizar a atividade.

Ao praticar a escalada no Morro Pelado esteja ciente das seguintes questões:

- ✓ A segurança depende do seu próprio julgamento acerca de suas habilidades, experiência, conhecimento e aptidões;
- ✓ O uso de equipamentos não elimina o risco;
- ✓ É de responsabilidade do praticante avaliar a qualidade das proteções;
- ✓ Ao optar pela descida em rapel, atente-se às técnicas e equipamentos empregados, nós blocantes, pontos de ancoragem, comprimento da corda, nó nas pontas da corda. Faça um check-in, ao menos DUAS vezes antes de iniciar o rapel;
- ✓ Respeite seu limite pessoal e permita-se desistir em uma situação de perigo iminente, haja visto que o direito ao risco é um dos princípios fundamentais do montanhismo, cabe a cada praticante por meio da busca por aperfeiçoamento, capacitação e conhecimento técnico, experiência e práticas, minimizá-los. E lembre-se que a montanha estará lá, retorne em uma próxima oportunidade.

As informações constantes neste guia servem de base e complemento aos praticantes que já possuem um bom nível e domínio de técnicas de escalada tradicionais e procedimentos de segurança.

Este conteúdo não substitui um profissional. Nos casos em que o praticante desconheça, tenha dúvidas ou inexperiência a respeito de técnicas de escalada, segurança e demais considerações aqui expostas, recomenda-se procurar o auxílio de um profissional qualificado, associação/ clube de montanhismo local e/ou centros excursionistas.

Se ainda assim restarem dúvidas, reavalie sobre a prática da atividade.

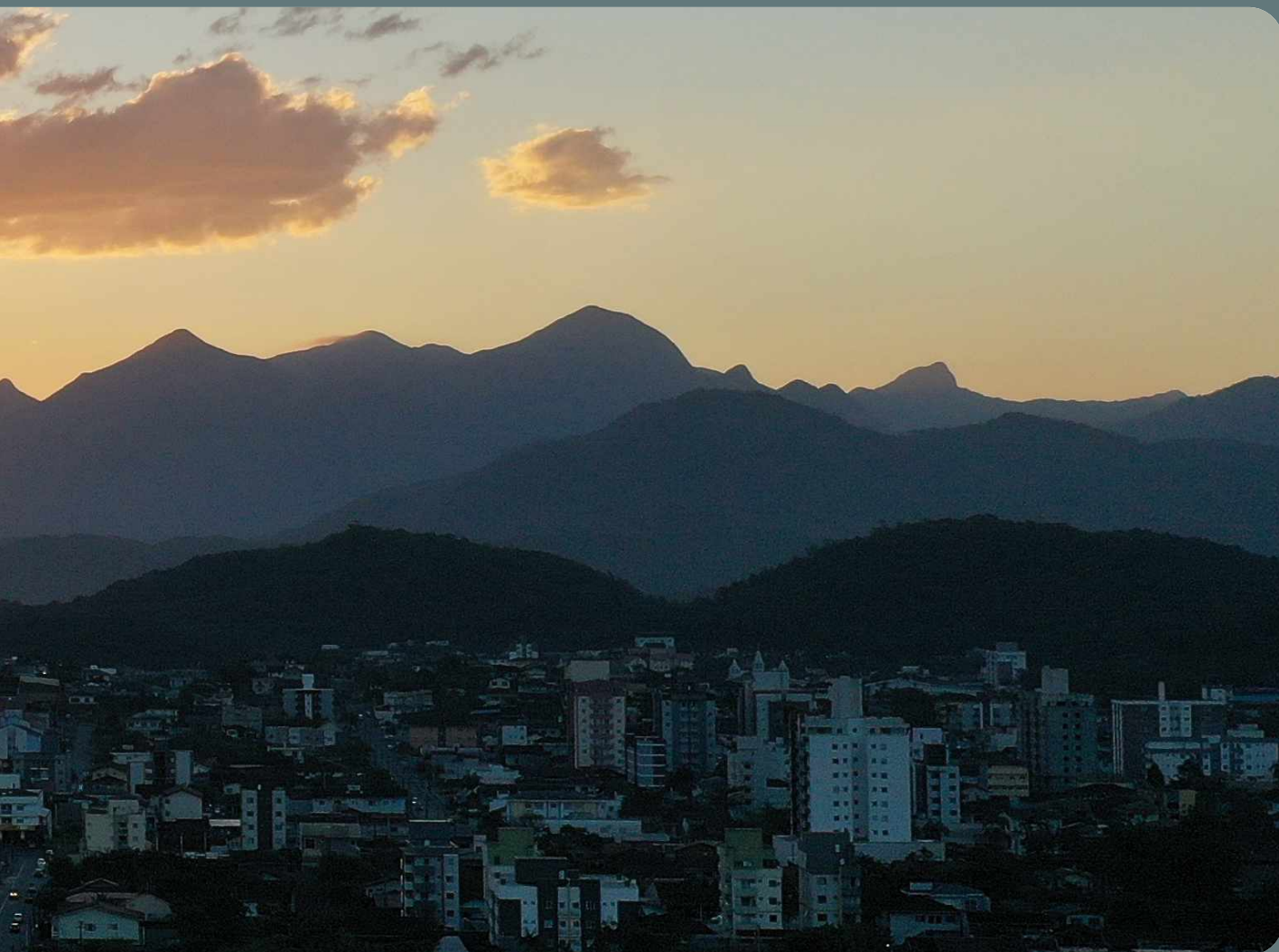
ASSUNÇÃO DE RISCO NAS ATIVIDADES DE ESCALADA



Colocar em prática e utilizar as informações do “Guia de Escalada Morro Pelado” implica aos praticantes a assunção dos riscos conhecidos ou não inerentes à prática da escalada no ambiente de montanha. Considere o seu conhecimento técnico, experiência em ambiente de montanha e seus limites ao assumir os riscos.

A compreensão das informações disponíveis no guia é pessoal de cada indivíduo. A interpretação equivocada de conceitos e convenções pode causar acidentes graves ou fatais.





O Morro Pelado (Pico do Corcovado), à direita, e o Pico Jurapê no centro da imagem, vistos a partir da cidade de Joinville. Foto: Yara de Mello, 2020.



A cidade de Joinville e a Baía da Babitonga ao fundo, vistas a partir do Morro Pelado. Foto: Yara de Mello, 2019.

LOCALIZAÇÃO

O Morro Pelado está localizado no município de Joinville, que por sua vez, está situado no nordeste do estado de Santa Catarina.

Para chegar no local, é necessário pegar a rodovia estadual SC-418. Quem trafega a partir da cidade de Joinville, precisará subir a Serra Dona Francisca. Logo após passar o hotel Dona Francisca, à cerca de 300 m, deve-se entrar à direita, no estacionamento ao lado da antiga borracharia.

O acesso a trilha é feito por área privada, não há controle ou registro de acesso. Após sair da rodovia e entrar no caminho à esquerda, após percorrer uns 200 m, tem-se a placa boca de trilha da AJM indicando os acessos do Castelo dos Bugres e Morro Pelado.

Seguindo pela trilha mais adiante, aproximadamente 10 minutos, tem-se uma bifurcação, com uma placa antiga indicando à esquerda o Morro Pelado e à direita o Castelo dos Bugres (trilha secundária).

A trilha do Morro Pelado possui uma extensão de cerca de 5,3 km com duração aproximada de 02:30 horas, considerada de nível moderado e está sinalizada com fitas refletivas.

NÃO confundir a entrada com a trilha principal de acesso ao Castelo dos Bugres!



Entrada da trilha ao lado da SC-418.



Placa da AJM indicando o acesso.



Placa indicando o acesso ao Mo. Pelado e Castelo dos Bugres.

ATENÇÃO

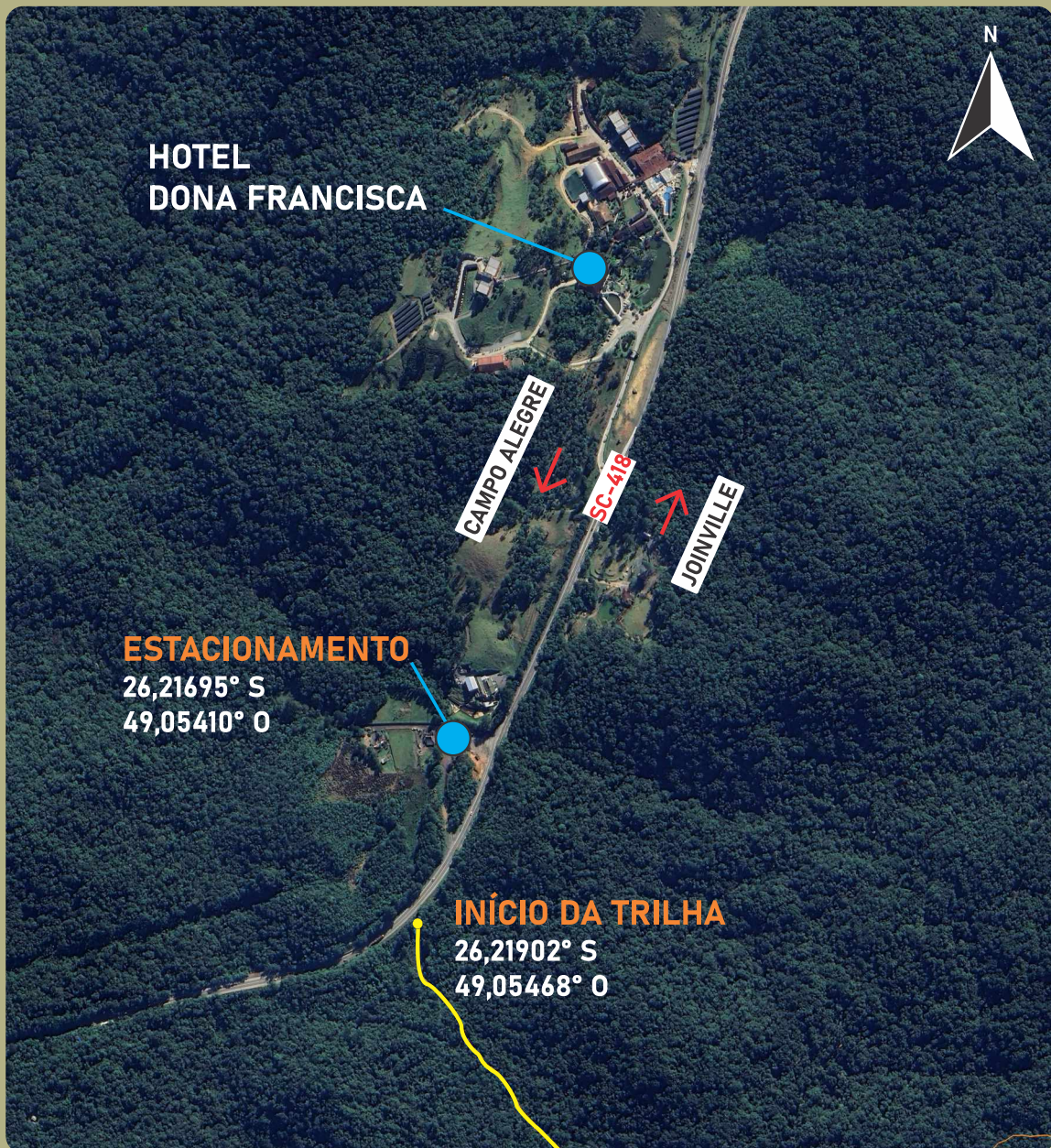
Apesar de estar sinalizada é uma trilha que exige atenção, a mata é fechada e possui algumas bifurcações e caminhos paralelos.

Recomenda-se ir ao local com alguém que já conhece ou baixar a trilha no Wikiloc, aplicativo similar, ou utilizar receptor GNSS de navegação para se orientar.



CROQUIS DE LOCALIZAÇÃO

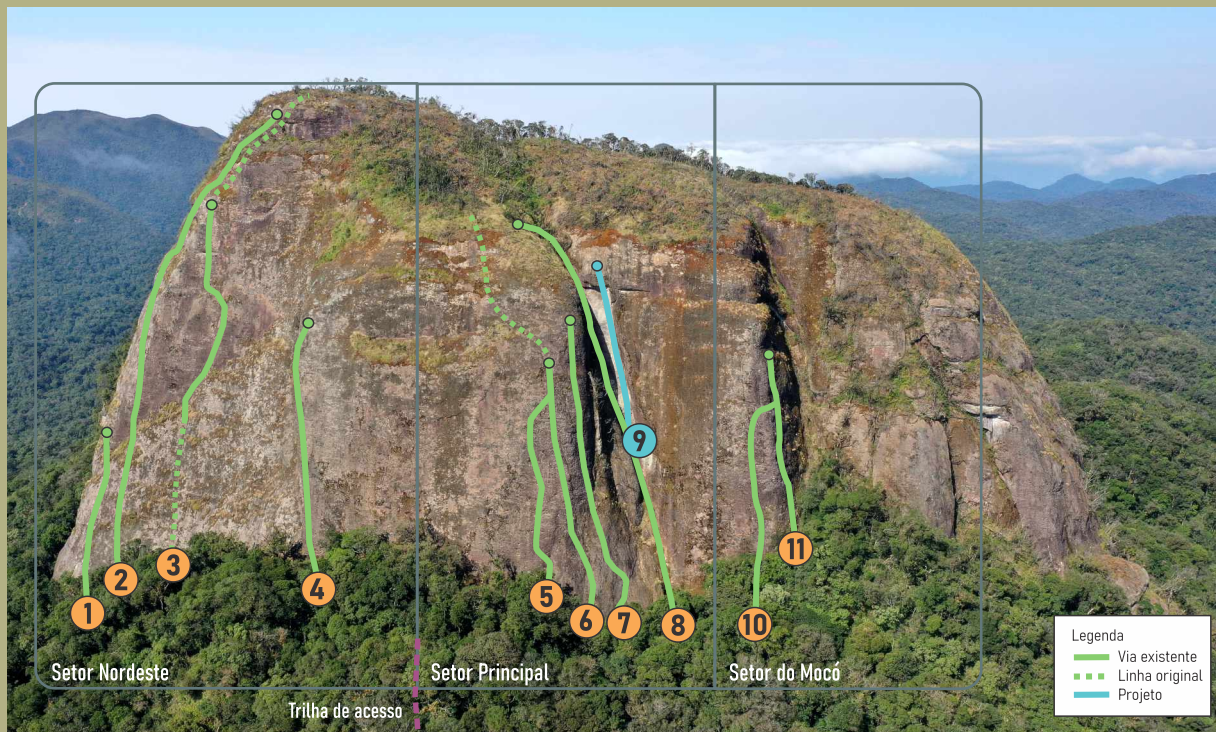
ESTACIONAMENTO E INÍCIO DA TRILHA



CHEGANDO NAS BASES DAS VIAS



VIAS DE ESCALADA



1 Nu
5° Vsup E2, 55 m, Ano 2020
Andre Rocha Coutinho, Diogo Ranieri,
Erick das Vargens e Leandro Mathias

2 Fogo do Criador
5° Vila E2, 140 m, Ano 2023
Alecsandro Urbano, Gabriele Galvão,
Humberto Samy e Marcelo Henrique

3 Tá na Cara
4° VIsup E3, 145 m, Ano 2000*
Alessandro Rosário, Daniel Casas e
Reginaldo Carvalho

4 Nos Tempos da Brilhantina
5° VI E3, 60 m, Ano 2002
Alexandre Langer, Daniel Casas, Eduardo Pedro e
Reginaldo Carvalho

5 Discórdia
4° V E3, 65 m, Ano 1998
Daniel Casas, Reginaldo Carvalho,
Marius Bagnati e Theno Vienbrans

6 Old is Cool
4° IVsup E2, 70 m, Ano 2018
Alessandro Rosário, Diogo Ranieri, Ellen
Caroline dos Santos Ranieri, Erick das
Vargens e Leandro Mathias

7 Corcovado
5° VI E3, 90 m, Ano 2019
Alecsandro Urbano, Leonardo de Souza,
Mariana Moser, Ordilei Magri, Rafael Alchieri e
Yara de Mello

8 Fenda Principal
5° VI E3, 100 m, Ano 2001
Alexandre Langer, Fabiola Girardi
e Reginaldo Carvalho

9 Projeto
(Alecsandro Urbano)

10 Moconnection
5° Vila E4, 70 m, Ano 2019
Alecsandro Urbano e Gustavo Lima

11 Tudo em Família
5° Vsup E4, 55 m, Ano 2003
Alessandro Rosário e Marcio Hoepers

* Extensão da linha original

LEGENDA

Proteção fixa	Parada	Parada simples	Parada opcional	Parada em móvel ou árvore	Comprimento da enfiada	Graduação do lance
						IV
Aproximação	Rapel	Linha do rapel	Platô	Teto	Pequeno platô	
Veio	Veio de cristal	Buracos	Blocos	Fissura	Fissura larga ou canaleta	
Chaminé	Fendas	Diedro	Aresta	Grampeação distante ou lance mal protegido	Bico de pedra	
Lance vertical (barriga)	Vegetação	Árvores	Graduação do mato			

SETOR NORDESTE



1 Nu

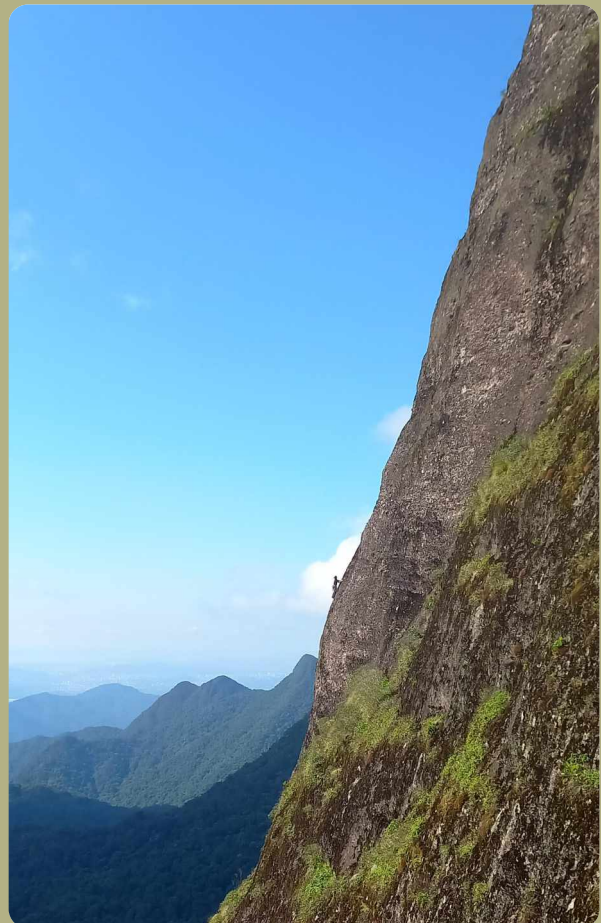
2 Fogo do Criador

3 Tá na Cara

4 Nos Tempos da Brilhantina



Mariana e Elcio na via Nos Tempos da Brilhantina.
Foto: Yara de Mello, 2025.

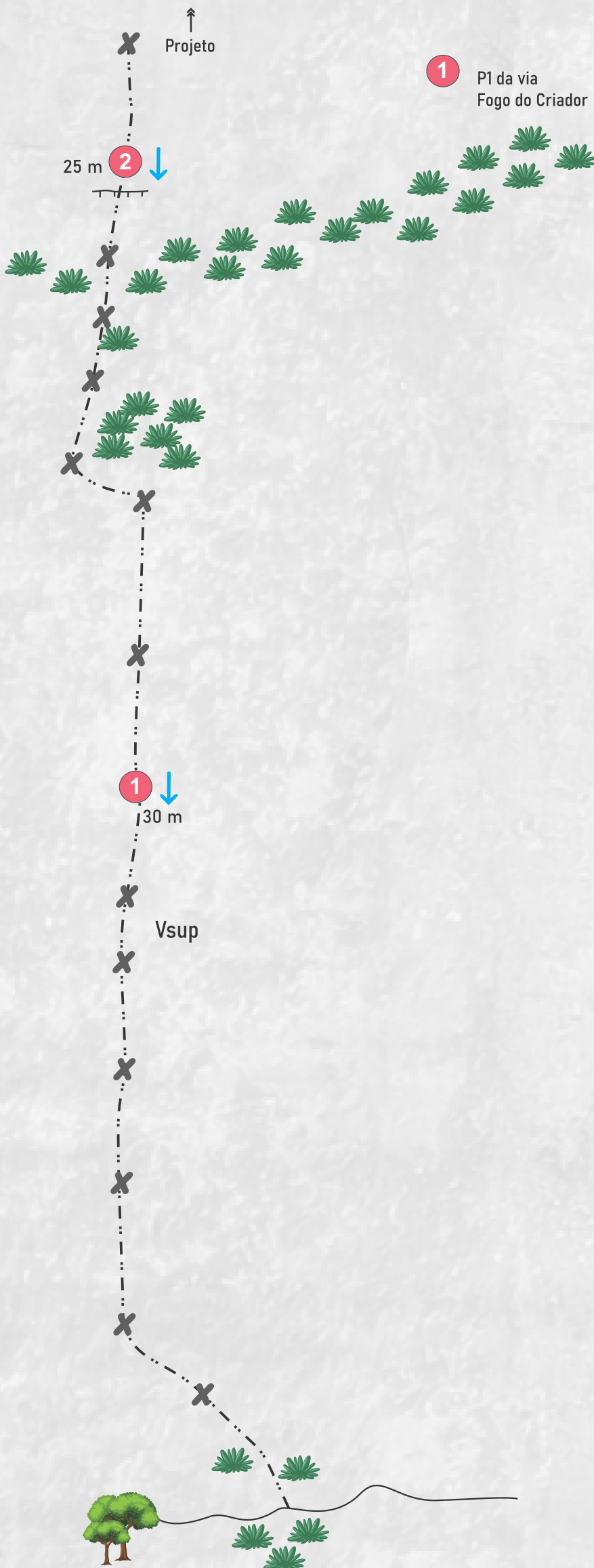


Anderson e Yara na via Fogo do Criador.
Foto: Elcio Muliki, 2025.

DESCRIÇÃO DA VIA

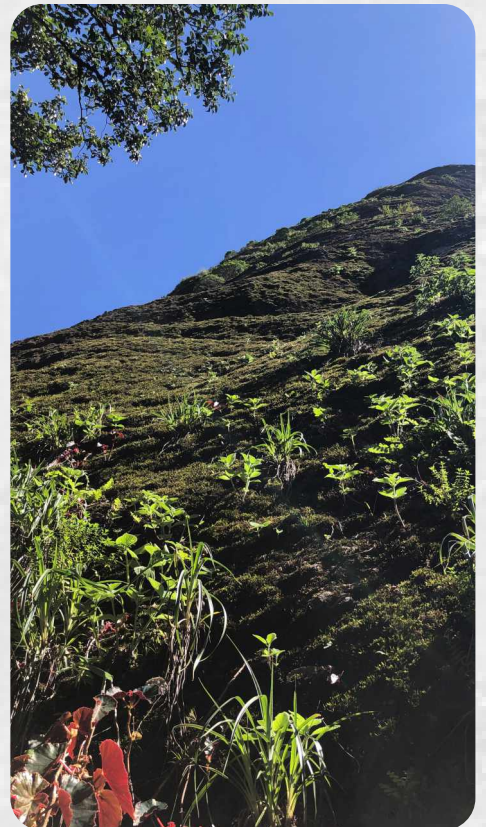
A escalada se inicia em uma parede suavemente positiva, mas com passadas delicadas. A via segue levemente à esquerda até a segunda proteção. Alguns lances de poucas agarras e um crux em uma parede mais vertical. A partir da P1 segue em linha reta até o mato, e faz uma travessia à esquerda, importante utilizar fitas longas nas proteções fixas nessa transversal. É possível fazer a via em apenas uma enfiada. A linha da via está localizada em um trecho da parede que tinha vegetação antes do incêndio, atualmente o mato segue crescendo o que pode ocultar agarras e chapeletas, escalar com atenção! A P2 fica em um platô confortável, conhecido como Platô do Cacique, o local tem um visual incrível do Pico Jurapê e da cidade de Joinville.





07 costuras (médias e longas).
Rapel com corda de 60 m.

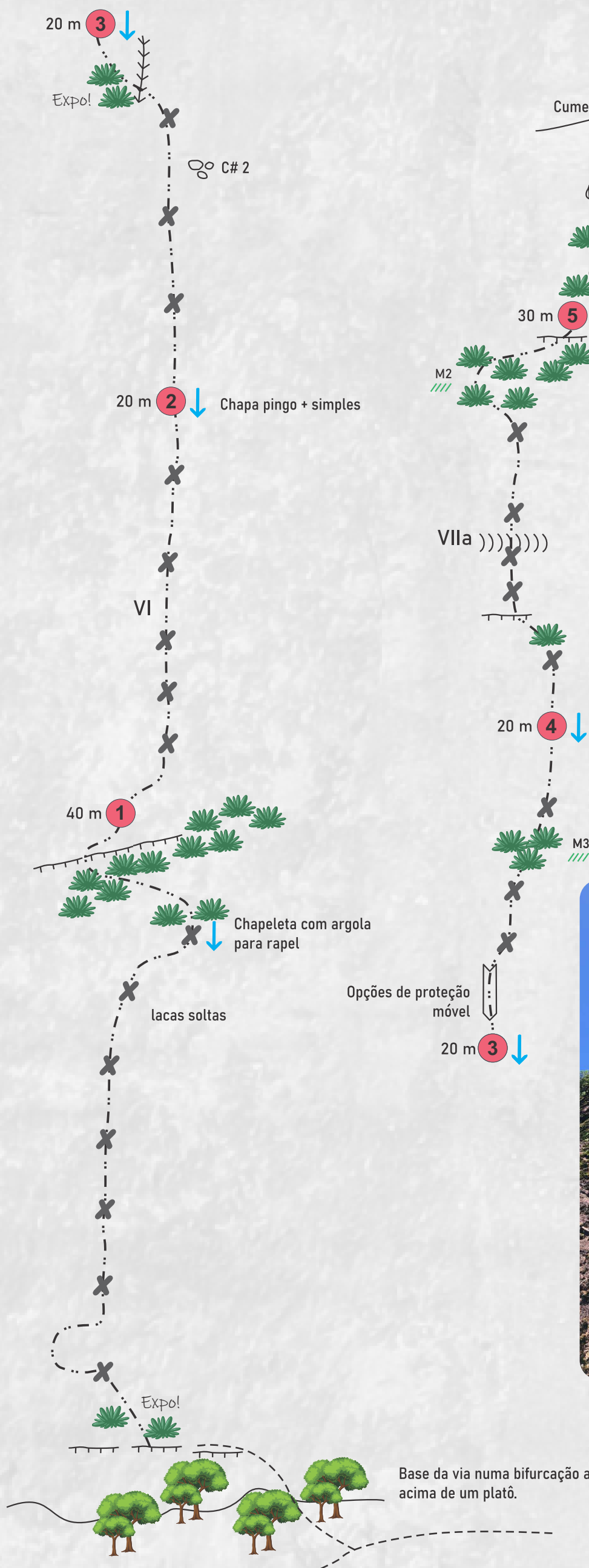
Conquistadores: Andre Rocha Coutinho,
Diogo Ranieri, Erick das Vargens e
Leandro Mathias.
Ano: 2020.



Base da via
lat. 26.24492° S
long. 49.03366° O

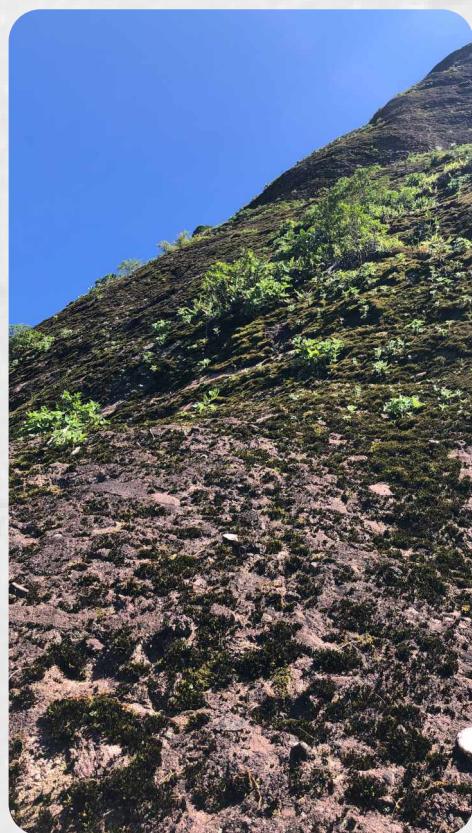
DESCRIÇÃO DA VIA

A via se inicia com a primeira proteção fixa levemente à esquerda, a primeira enfiada está em uma área de regeneração de mato pós-incêndio, com lacas e rochas soltas que requer atenção dos escaladores. É possível unir a segunda e a terceira enfiada. Escalada em parede vertical e levemente positiva em alguns trechos, com seixos, buracos, lances de trepa-mato, e algumas possibilidades de proteções móveis. A quarta enfiada inicia em um diedro, com possibilidade do uso de nuts e friends, segue em uma passagem de mato dinâmico, não sendo um grau de dificuldade fixo, variando conforme a época e as condições do mato. O crux da via é bem protegido em um lance exigente de força. Atualmente é a melhor opção que dá acesso ao cume, sendo possível descer pela trilha ou rapelar, preferencialmente com duas cordas de 60 m.



08 costuras (médias e longas).
 C# .3 ao 3, nuts e/ou microfrends.
 Rapel recomendado com duas cordas de 60 m.

Conquistadores: Alecsandro Urbano, Gabriele Galvão, Humberto Samy e Marcelo Henrique.
 Ano: 2023.



Base da via
 lat. 26.244862° S
 long. 49.033820° O

Base da via numa bifurcação a direita da trilha principal, acima de um platô.

DESCRIÇÃO DA VIA

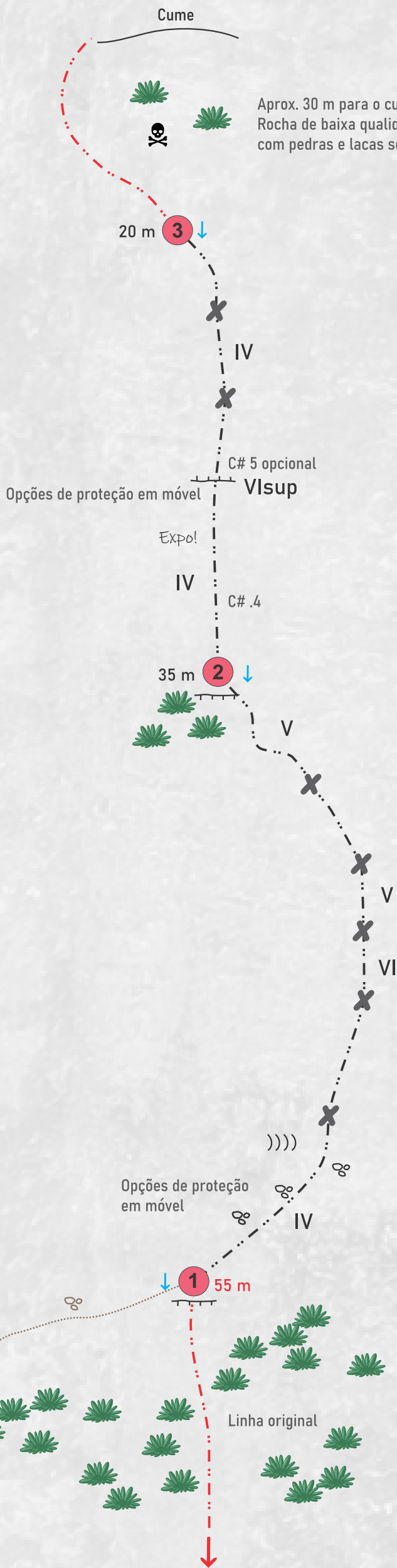
A primeira enfiada da via era escalada originalmente num trepamato com extensão de 55 m, o incêndio de 2020 acabou destruindo toda a vegetação, impossibilitando até o momento a escalada da primeira enfiada nos moldes originais, já que o mato está em processo de regeneração. É possível acessar a P1 a partir das vias Nu ou Fogo do Criador. A segunda enfiada tem a primeira proteção fixa a cerca de 15 m, depois a via segue em uma parede mais vertical, com um crux exigente. Após, continua numa passagem delicada até chegar na P2, que fica em um confortável platô, com um visual incrível. Na terceira enfiada tem a passagem do Olho do Mamute que é o Crux da via. A partir da P3 a rocha é de baixa qualidade, com lacas e pedras soltas, tornando a escalada até o cume perigosa. Lembrando que originalmente (antes do incêndio) a via seguia até o cume por um trecho de mato com raízes superficiais, passando pela P3 que era em uma árvore.

10 costuras (médias e longas).
C# .3 ao 4, + 1 C# 2 e C# 5 opcional.
Rapel com 2 cordas de 60 m.

Conquistadores: Alessandro Rosário,
Daniel Casas e Reginaldo Carvalho
Ano: 2000.



Início da segunda enfiada.

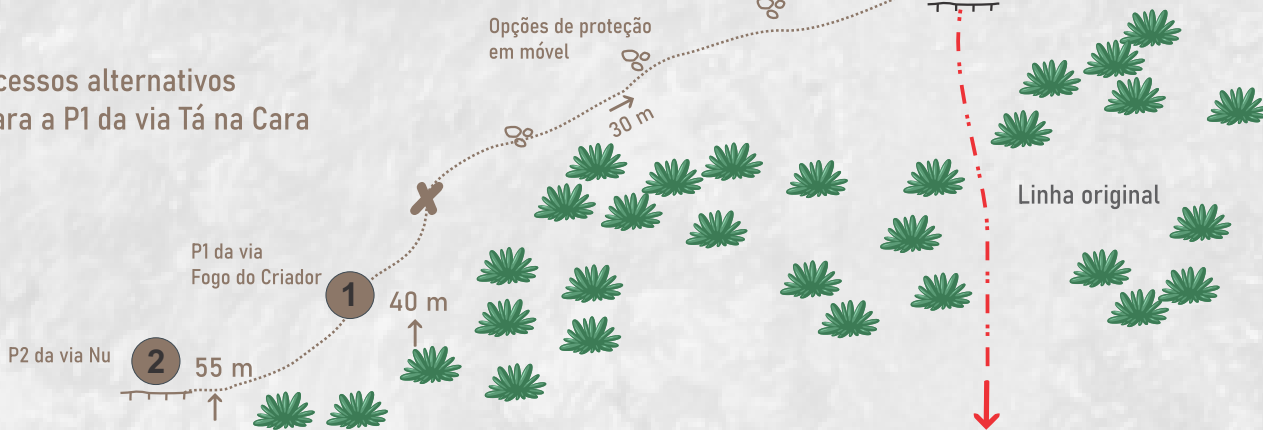


PASSAGEM DO CACIQUE

Durante a repetição da via Tá na Cara, nos trabalhos de regrampeação, foi feito o acesso a P1 da via a partir da P2 da Nu, uma escalada de 30 m, com opções de proteção móvel, passando pela via Fogo do Criador. Os escaladores Elcio Muliki, Mariana Moser e Yara de Mello nomearam a transversal de Passagem do Cacique. A escalada ocorreu no dia 26/10/2025.

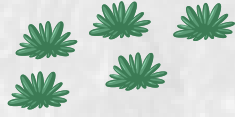
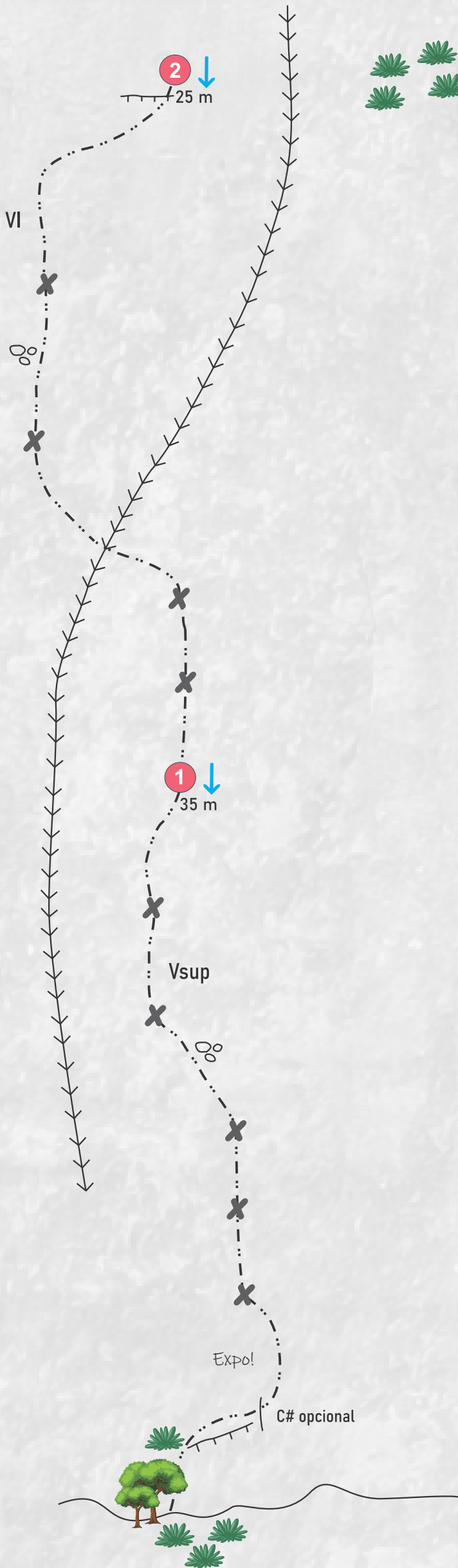


Acessos alternativos para a P1 da via Tá na Cara



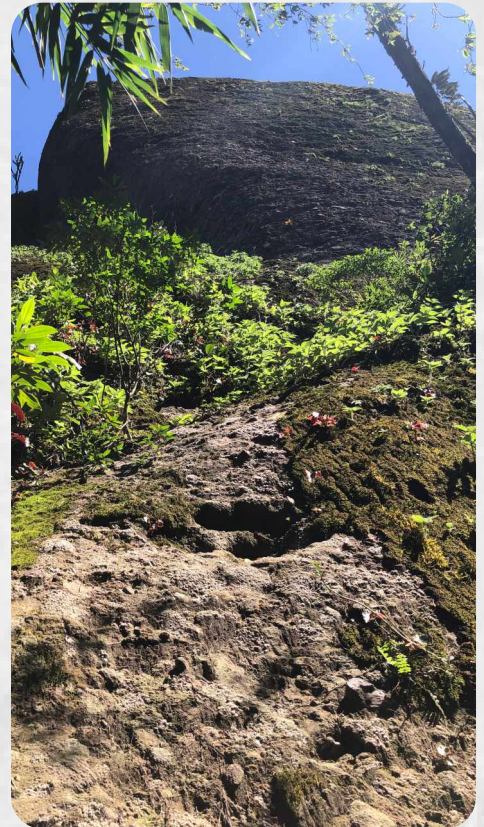
DESCRIÇÃO DA VIA

A via inicia próximo a uma árvore, que serve de base para o segurador. Teve seu início modificado devido a base ter cedido após o incêndio em 2020, no entanto, é possível colocar peças móveis antes de chegar na primeira proteção fixa, sendo possível avistá-la do chão há cerca de oito metros de altura. A via está equipada com chapas simples e grampos, possui duas paradas duplas. Ao passar pelo segundo grampo da segunda enfiada é importante cair para esquerda transpondo a aresta, onde a parede ficará mais vertical e levemente negativa. Escalada em agarras, seixos e buracos, havendo possibilidade de proteções móveis.



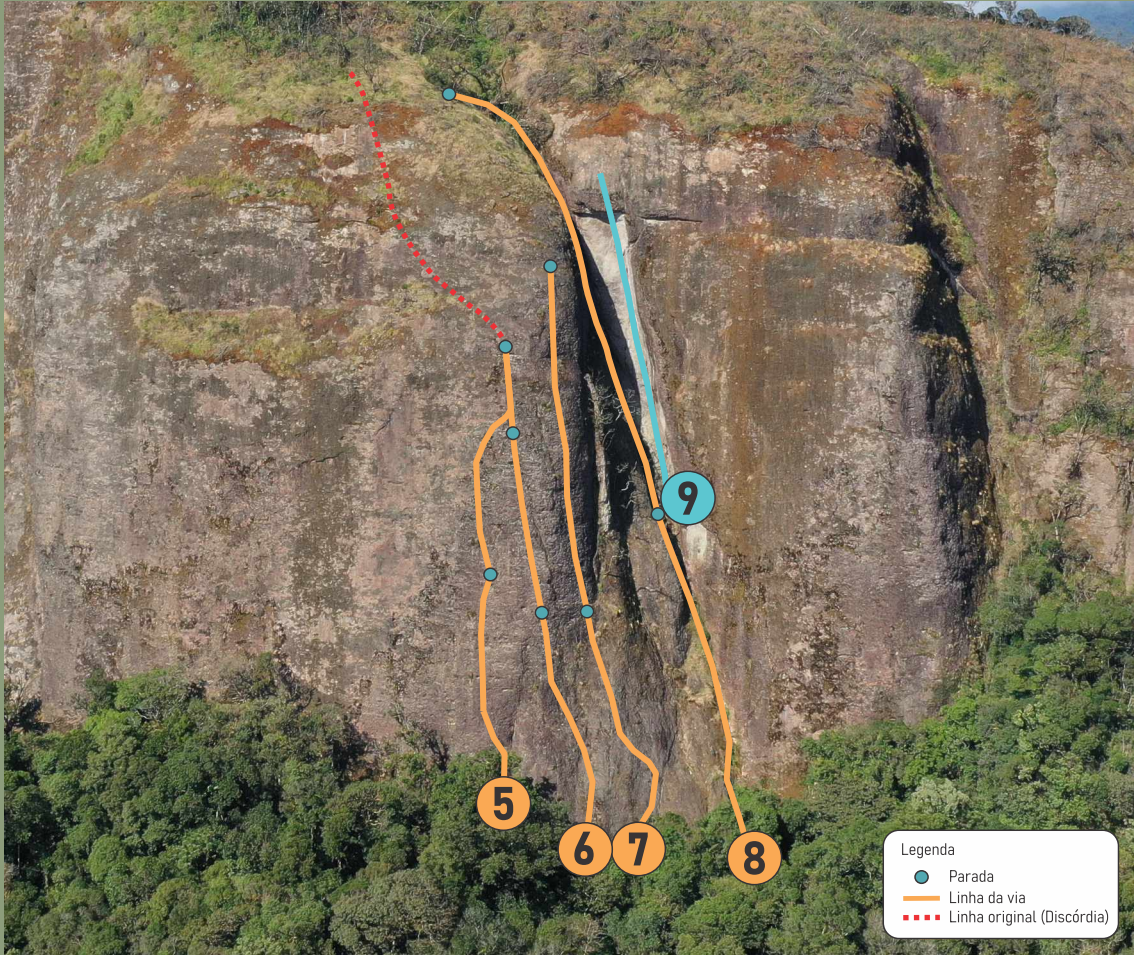
06 costuras (médias e longas), C# .4 ao 3.
Rapel com corda de 70 m.

Conquistadores: Alexandre Langer, Daniel Casas,
Eduardo Pedro e Reginaldo Carvalho.
Ano: 2002.



Base da via
lat. 26.24475° S
long. 49.03456° O

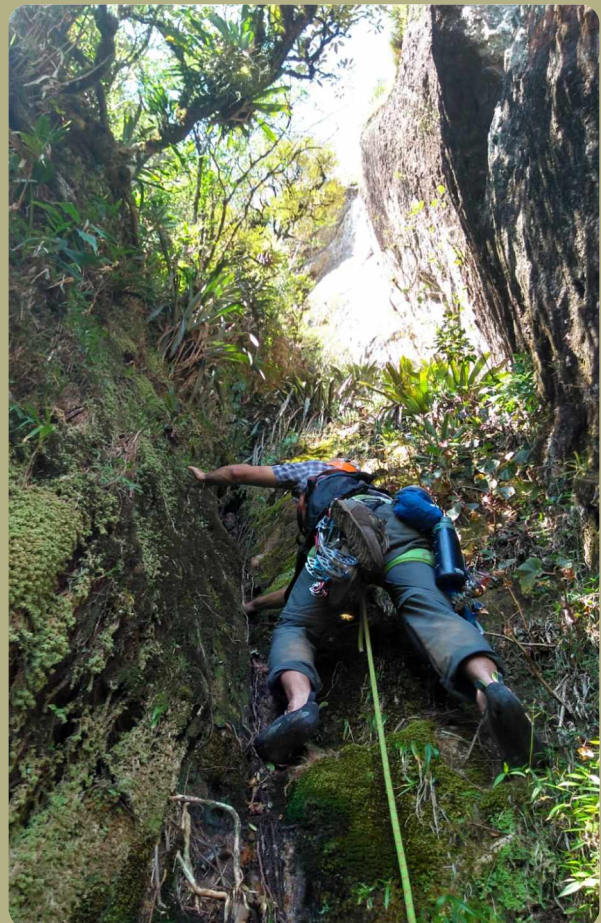
SETOR PRINCIPAL



- 5 Discórdia 7 Corcovado 9 Projeto (Alecsandro Urbano)
6 Old is Cool 8 Fenda Principal



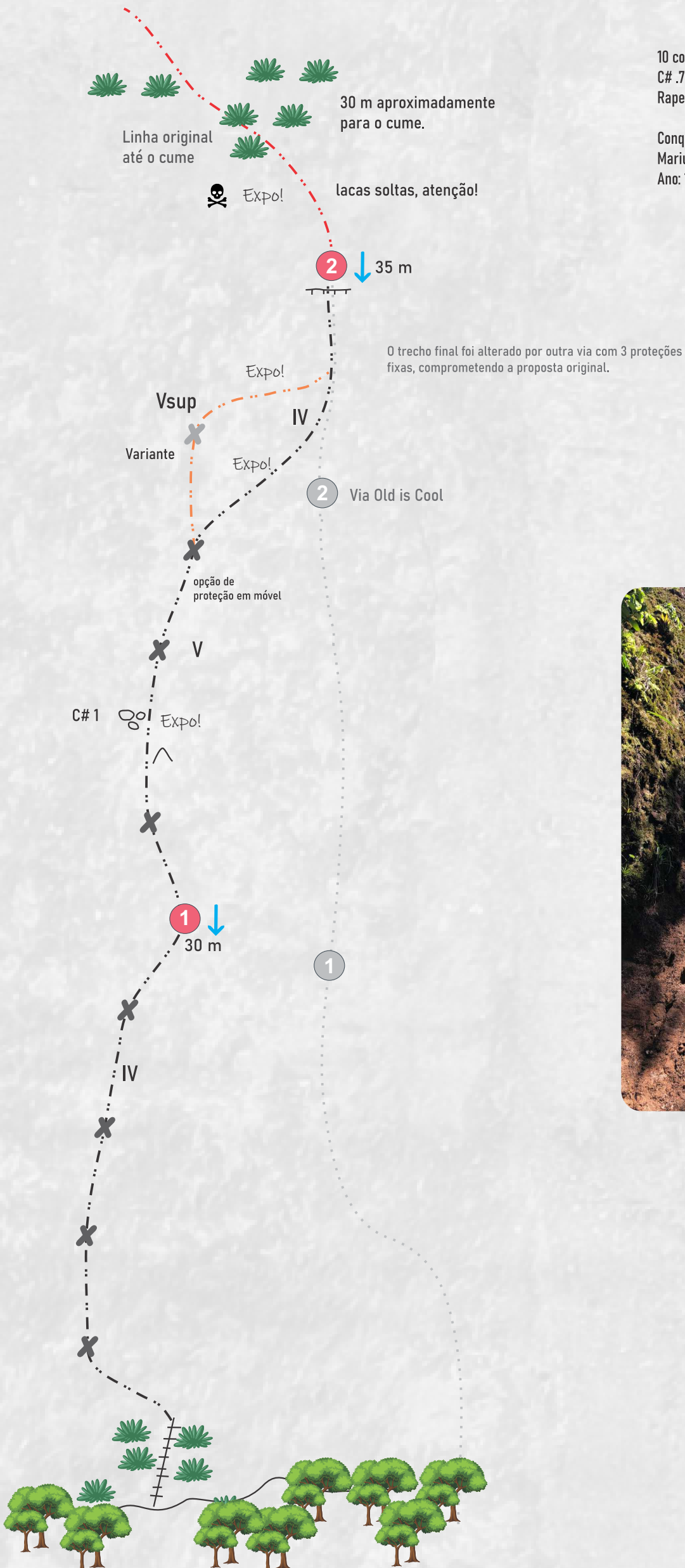
Yara de Mello na via Old is Cool.
Foto: Elcio Muliki, 2024.



Alecsandro Urbano na via Fenda Principal.
Foto: Mariana Moser, 2019.

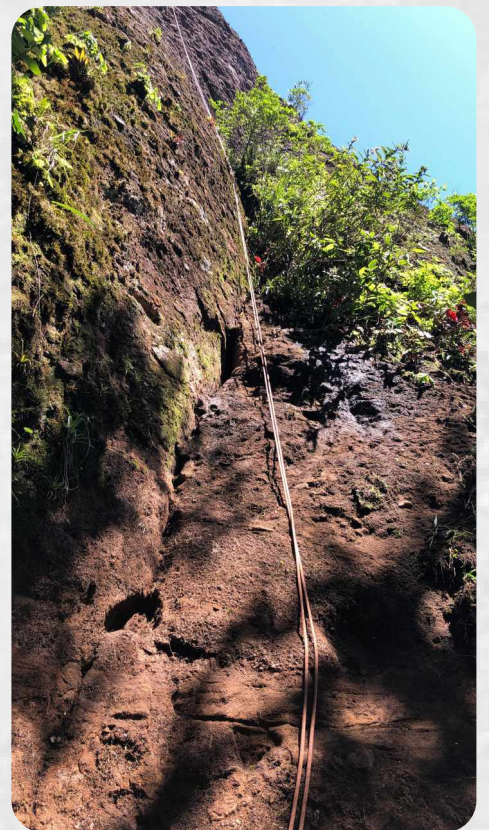
DESCRIÇÃO DA VIA

O início da via é em uma fenda com um trecho de trepa mato, logo após a via sai à esquerda em direção a primeira proteção. A segunda enfiada é mais vertical e mais exigente em relação ao grau e a exposição. Originalmente a via era um E4 e possuía apenas 3 proteções na segunda enfiada, durante a regrampeação foi identificada uma proteção extra, descaracterizando a linha original, porém, optou-se por mantê-la, pois o trecho final da via depois da terceira proteção fixa tinha mais mato antes do incêndio e fica como opção de variante. Originalmente a via tinha uma terceira enfiada até o cume, mas que hoje esta impraticável devido as condições após o incêndio.



10 costuras, médias e longas.
C# .75 ao 4.
Rapel pela via com corda de 70 m.

Conquistadores: Daniel Casas, Reginaldo Carvalho,
Marius Bagnati e Theno Vienbrans.
Ano: 1998.

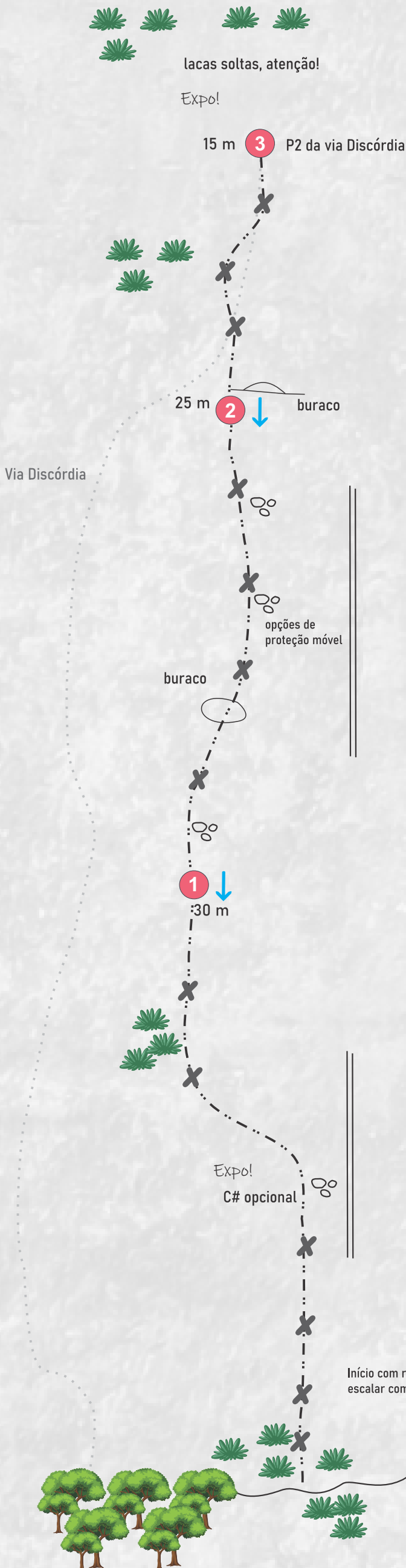


Base da via
lat. 26,24479° S
long. 49,03527° O

DESCRIÇÃO DA VIA

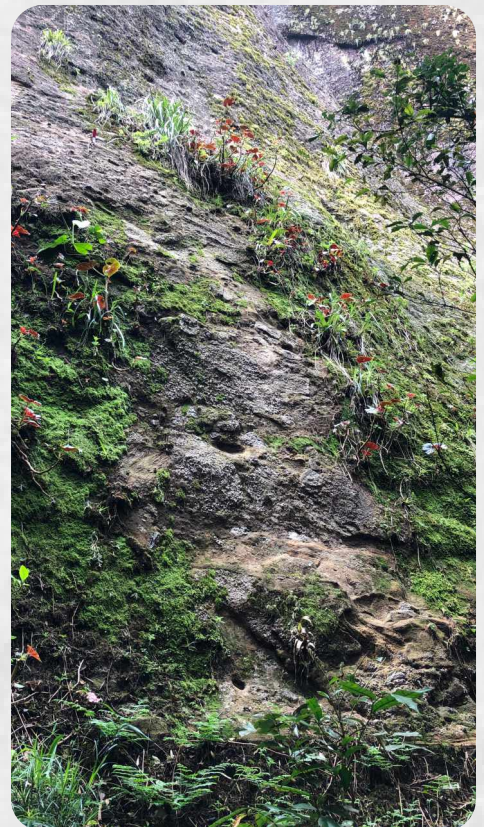
Escalada em aderência, agarras, buracos com boas colocações de proteções móveis. Toda equipada com chapeletas pingo e paradas duplas. A via possui algumas passadas de aderência mais delicadas na primeira enfiada e é considerada uma via de entrada para aqueles que querem iniciar a escalada e conhecer a rocha do morro. Atualmente a via possui três enfiadas, e a última delas (terceira enfiada), se sobrepõe parcialmente a linha original da via Discórdia.





08 costuras (médias e longas), C# .4 ao 4. C# 5 opcional
Rapel com corda de 60 m.

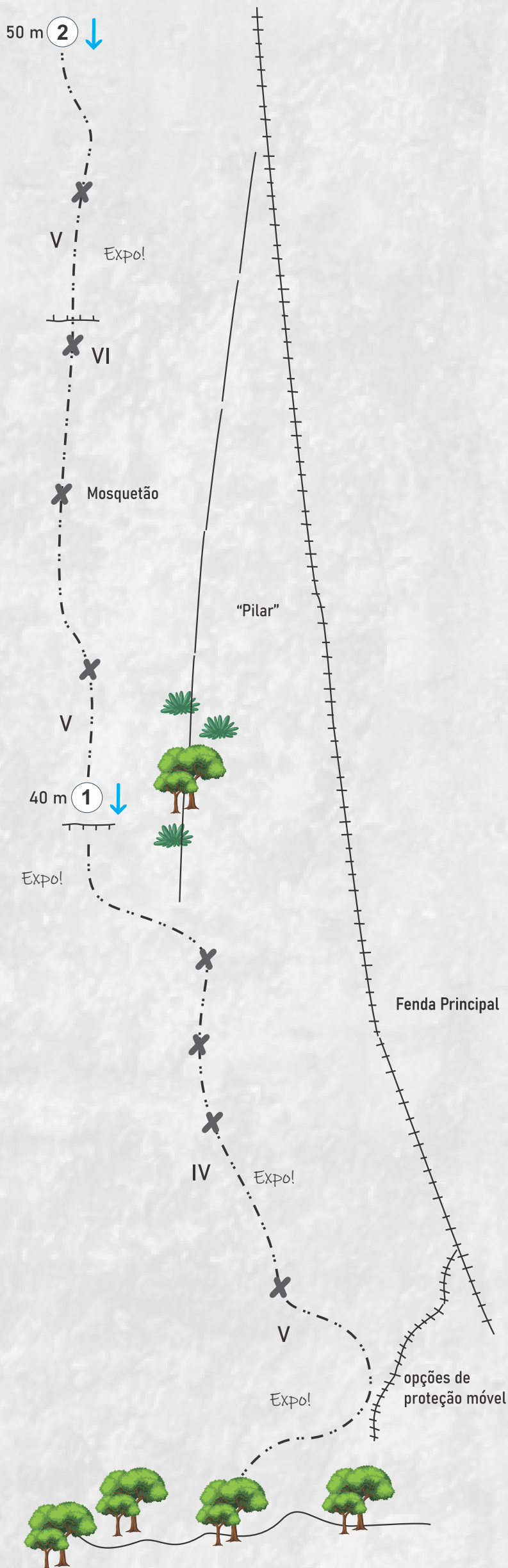
Conquistadores: Alessandro Rosário, Diogo Ranieri,
Ellen Caroline dos Santos Ranieri, Erick das Vargens
e Leandro Mathias.
Ano: 2018.



Base da via
lat. 26,24489° S
long. 49,03536° O

DESCRIÇÃO DA VIA

Tem uma árvore caída na base e a primeira proteção é de difícil visualização. Esta via teve seu início modificado, assim como a Nos Tempos da Brilhantina, devido a base ter cedido após o incêndio em 2020, no entanto, é possível proteger com móveis antes de chegar na primeira proteção fixa. Escalada em agarras em placa vertical em alguns pontos e levemente positiva em outros, passa por dois pequenos tetos (barrigas). Não tem muitas opções de proteção móvel e possui alguns lances de exposição com agarras duvidosas.



05 costuras (médias e longas), C# .4 ao 3.
Rapel com 2 cordas de 60 m.

Conquistadores: Alecsandro Urbano, Leonardo de Souza, Mariana Moser, Ordilei Magri, Rafael Alchieri e Yara de Mello.
Ano: 2019.



Base da via
lat. 26,24497° S
long. 49,03539° O

DESCRIÇÃO DA VIA

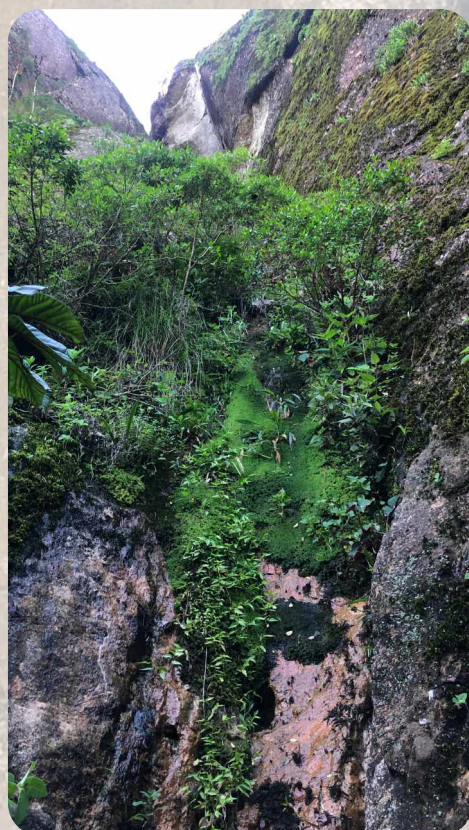
Via toda em móvel com boas colocações de peças e ancoragem natural. Escalada em fendas de variados tamanhos, árvores e raízes, no final possui uma chaminé e o acesso ao cume é possível passando por um trepa-mato. Normalmente a via está molhada o que não impede de escalá-la, mas atenção às pedras soltas e fragmentos de árvores. Descida pela trilha de acesso à base ou rapelar pela via Fogo do Criador. A saída do cume está na direção oeste, caminhe para encontrar a trilha de descida que fica à direita ou acesso para o rapel da Fogo do Criador, que fica no bloco de rocha abaixo do cume principal.



Costuras longas e fitas para ancoragem.
2x C# .4 ao 4. + #5.
Saída pelo cume, descendo pela trilha ou rapel
pela via Fogo do Criador.

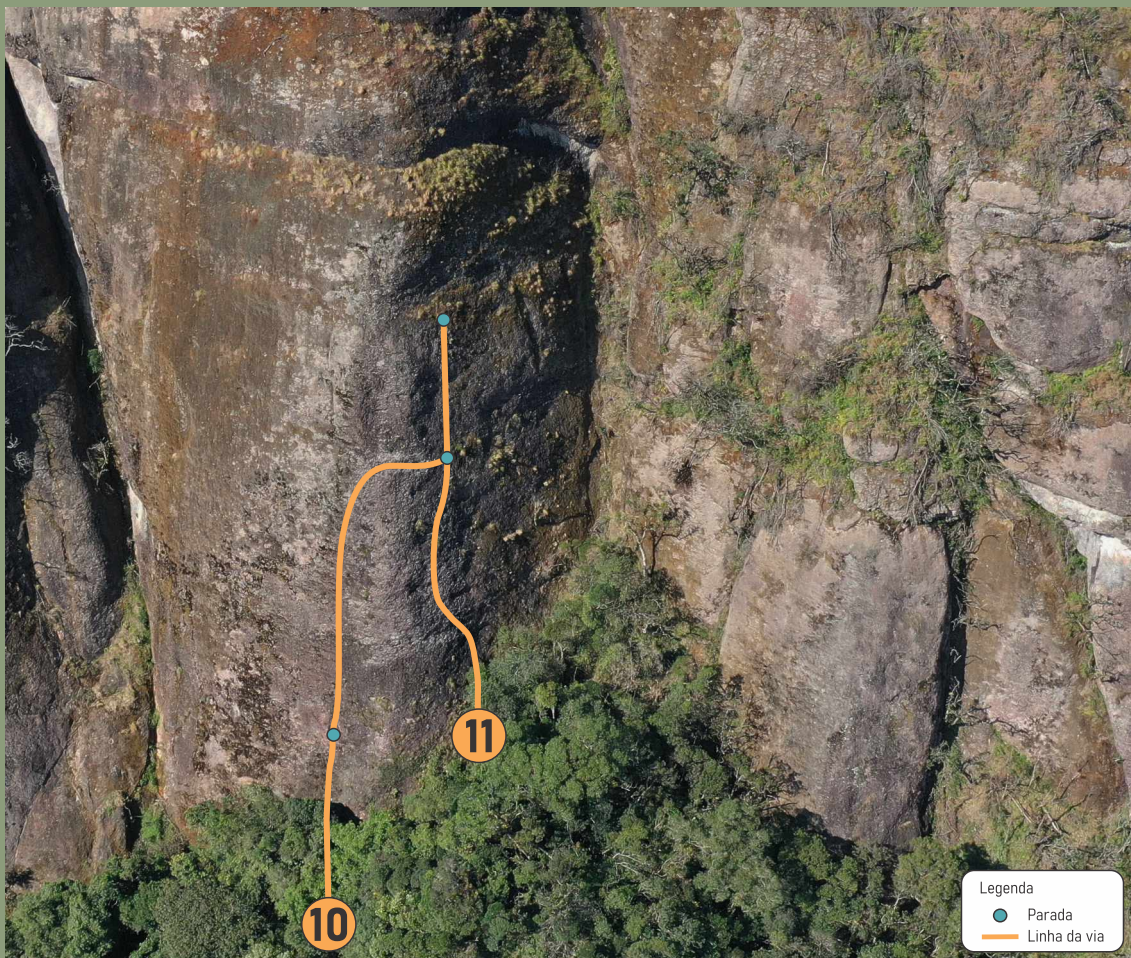
Dica: possibilidade de primeira parada há uns 35 m
em uma fissura, com C# .75, 2 e 3. Segunda e terceira
parada em árvores e raízes podendo equalizar com peças,
mas também é possível fazer em duas enfiadas.

Conquistadores: Alexandre Langer, Fabiola Girardi
e Reginaldo Carvalho.
Ano: 2001.



Base da via
lat. 26,24510° S
long. 49,03545° O

SETOR DO MOCÓ



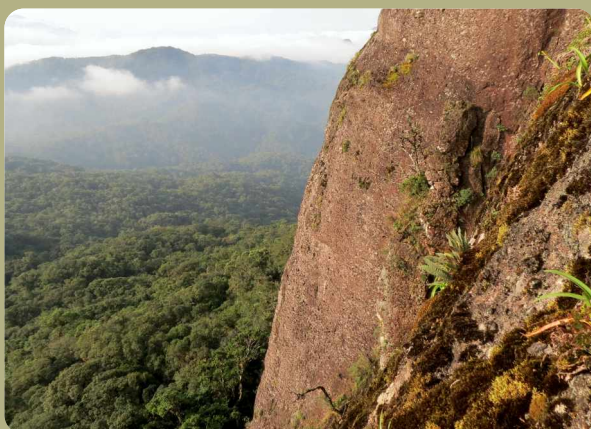
- 10 Moconnection
- 11 Tudo em Família

Legenda

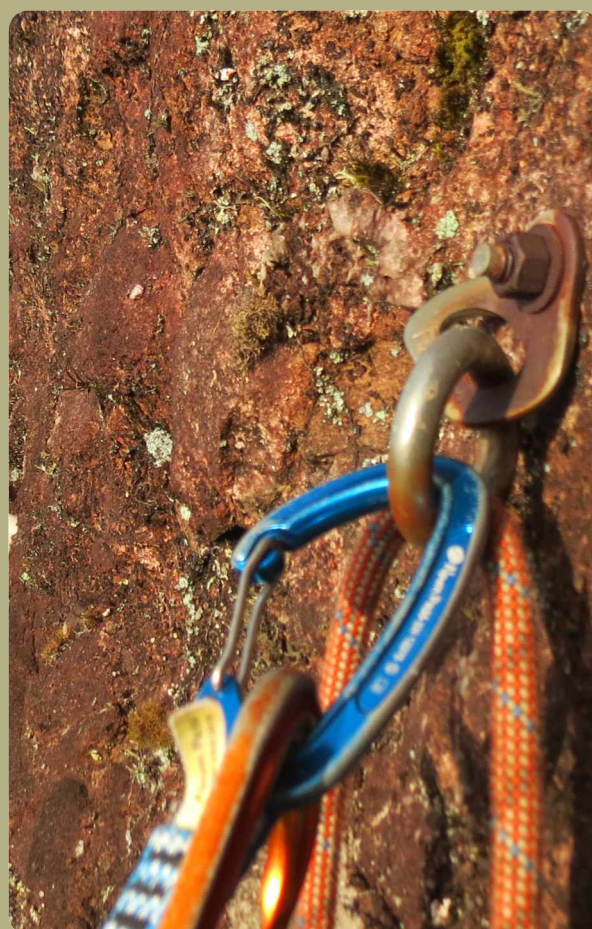
- Parada
- Linha da via



Elcio Muliki na via Tudo em Família.
Foto: Yara de Mello, 2025.



Visual a partir da via Tudo em Família.
Foto: Elcio Muliki, 2025.



P1 da via Moconnection.
Foto: Elcio Muliki, 2025.

DESCRIÇÃO DA VIA

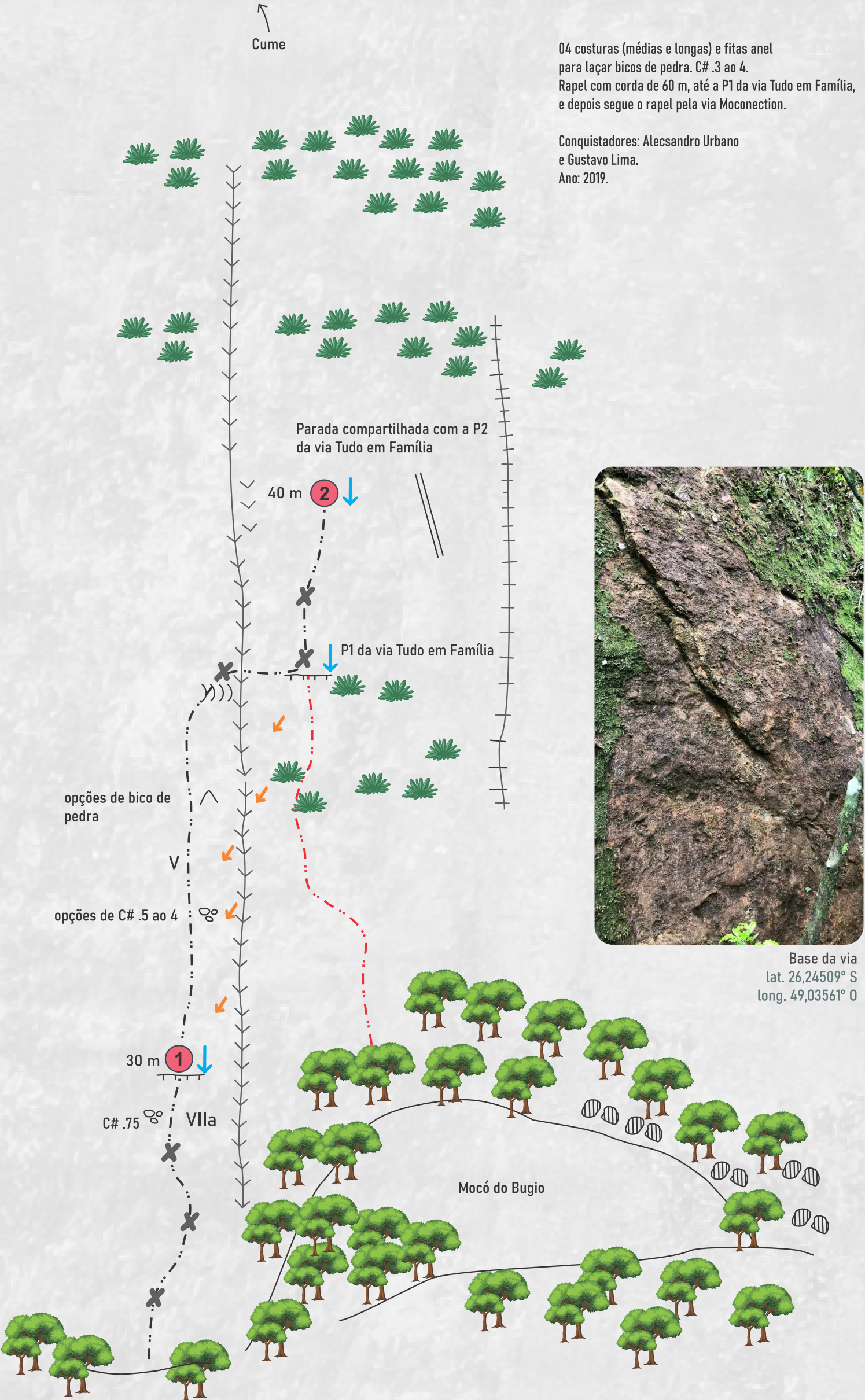
Base de fácil localização e primeira proteção fixa visível. Está equipada com chapeletas pingo, sendo a primeira parada simples em argola e a segunda compartilhada com a Tudo em Família. Escalada em placa vertical com seixos, agarras e bicos de pedra, possibilitando a colocação de proteções móveis e naturais. Importante na segunda enfiada cair para a direita após a primeira proteção fixa, transpor a aresta e juntar-se com a via Tudo em Família, finalizando na P2 desta. É a via de graduação sugerida mais exigente do setor, tanto no nível técnico quanto na exposição da segunda enfiada.



Cume

04 costuras (médias e longas) e fitas anel para laçar bicos de pedra. C# .3 ao 4.
Rapel com corda de 60 m, até a P1 da via Tudo em Família, e depois segue o rapel pela via Moconnection.

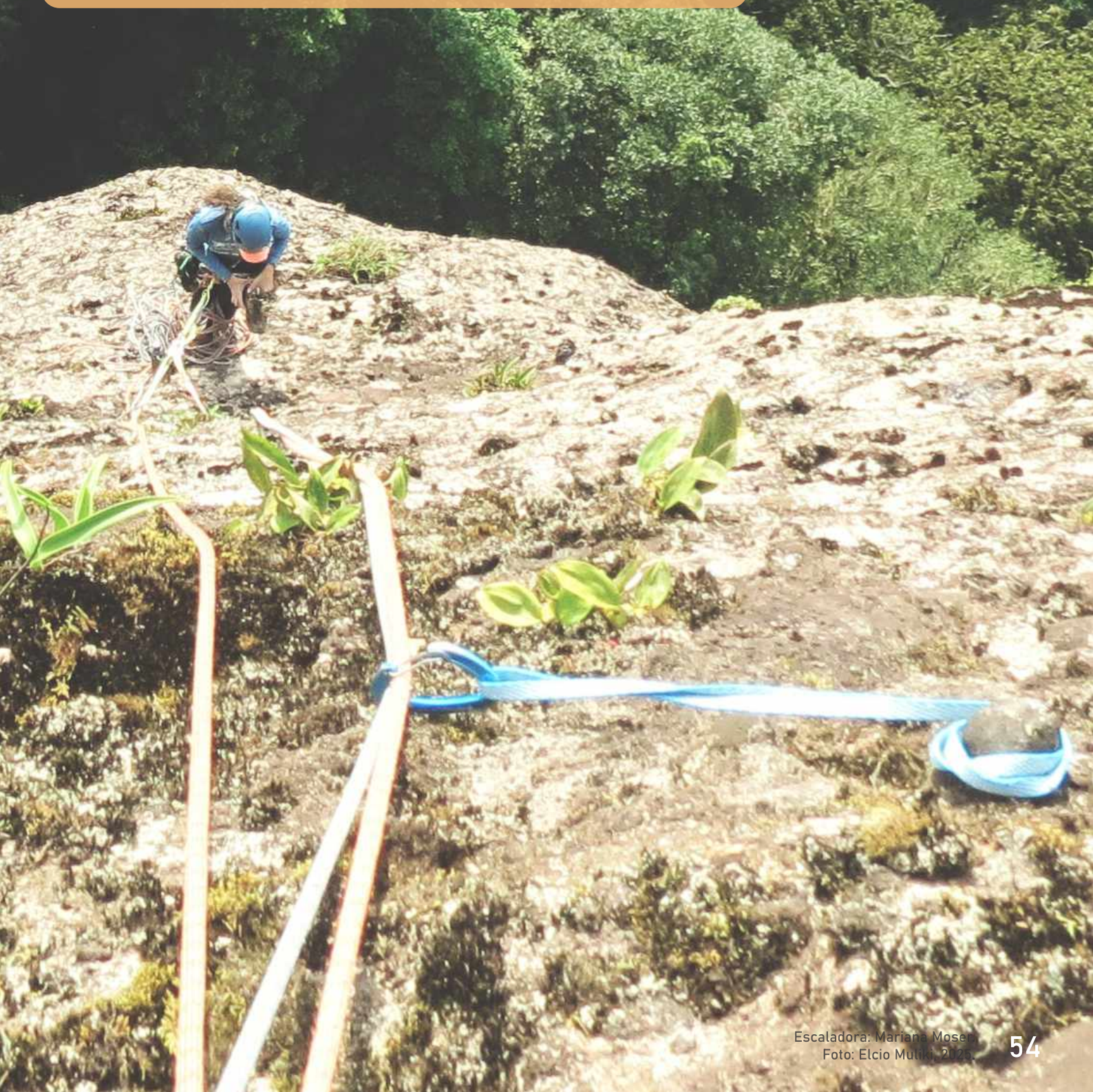
Conquistadores: Alecsandro Urbano e Gustavo Lima.
Ano: 2019.

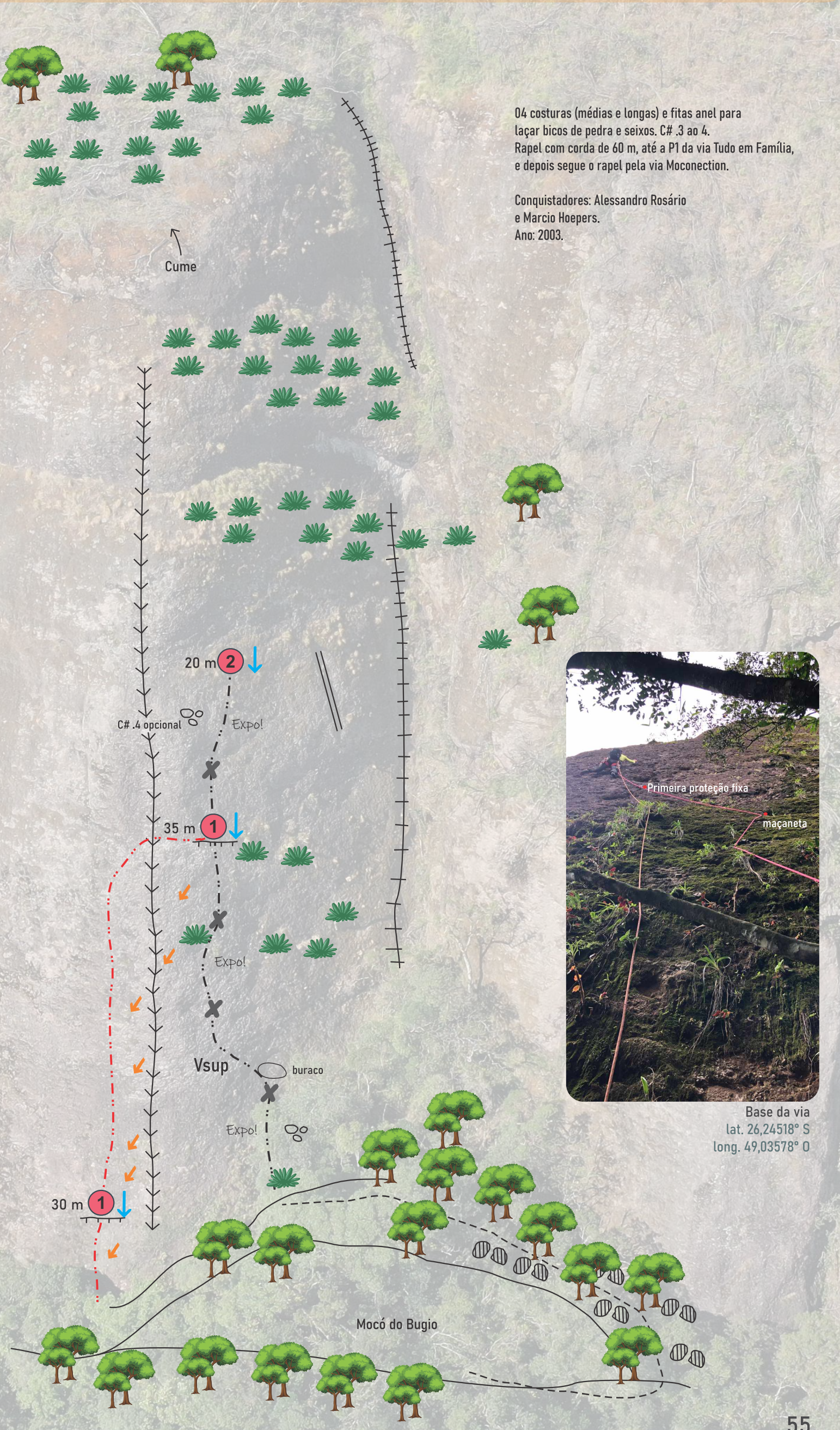


Base da via
lat. 26,24509° S
long. 49,03561° O

DESCRIÇÃO DA VIA

A base da via é suspensa e está localizada acima do Mocó do Bugio. Para acessar siga à direita passando o Mocó, e localize um caminho que sobe contornando a rocha, siga em frente passando por árvores e alguns blocos de pedra até avistar a parede de rocha vertical à frente. A trilha de acesso possui algumas fitas refletivas e uma corda fixa em um ponto crítico de acesso, logo no começo. No início da via há uma árvore tombada. A primeira proteção é de difícil visualização e acesso, fica levemente à esquerda, embaixo de um pequeno buraco. É possível proteger antes da primeira chapa em móvel e em uma espécie de maçaneta natural. A via está equipada com chapeletas pingo, com duas paradas duplas. Escalada em parede vertical com seixos, buracos e bicos de pedra com possibilidade de proteções móveis e naturais, sendo alguns lances de exposição. Preservando a história da conquista, um dos conquistadores relata que as proteções 1 e 3 foram adicionadas após a conquista intermediando os grampos.





04 costuras (médias e longas) e fitas anel para laçar bicos de pedra e seixos. C# .3 ao 4.
Rapel com corda de 60 m, até a P1 da via Tudo em Família, e depois segue o rapel pela via Moconnection.

Conquistadores: Alessandro Rosário e Marcio Hoepers.
Ano: 2003.

Base da via
lat. 26,24518° S
long. 49,03578° O

CURIOSIDADES E RELATOS

Além de cenário para aventuras, conquistas e escaladas, quem frequenta o Morro Pelado tem um apreço imenso e leva esta montanha no coração. O contato e energia presente na mata selvagem, em meio a fauna, flora e todo o bioma, torna este ambiente singular, gerando àqueles que ali adentram uma sensação de pertencimento e um forte vínculo.

No decorrer da produção do Guia foram compartilhadas informações, curiosidades, experiências, imagens e muitas histórias...

Ocorrências de pessoas perdidas

O Mo. Pelado tem um histórico de ocorrências de pessoas que se perderam por suas trilhas, sendo que dois casos são bem notórios: o do Joel em 2012; e do Edi Carlos em 2020.

O Joel ficou 4 dias perdido na mata até ser encontrado pelas equipes de resgate. O Grupo de Resgate em Montanha - GRM de Joinville (criado em 2011-2012) participou ativamente das buscas, sendo um dos primeiros resgates realizados pela equipe.

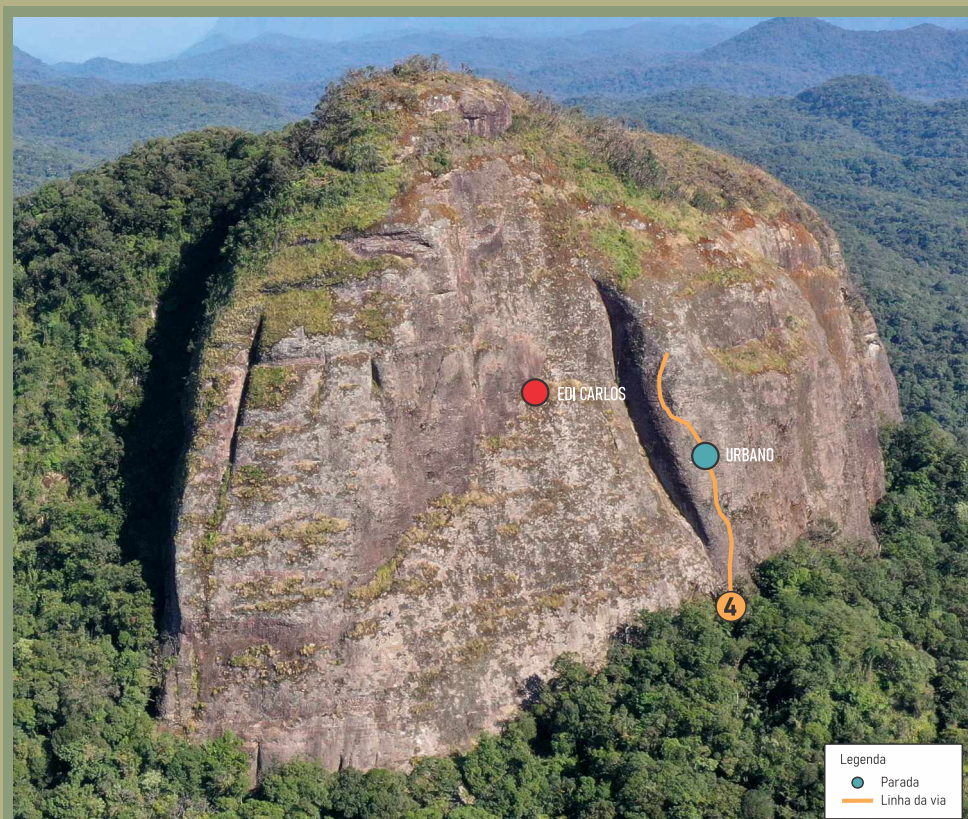


Logo do GRM.

Uma curiosidade é que a logo do GRM mostra o Mo. Pelado em primeiro plano.

O outro caso emblemático é do Edi Carlos, que também ficou cerca de 4 dias perdido na mata. A ideia dele era ir para o Castelo dos Bugres, mas ele foi pela trilha antiga que é mais fechada e difícil de se orientar, e acabou se perdendo. A ocorrência foi em março/abril de 2020, bem no período de “quarentena” do Covid-19.

Ele foi encontrado pelo escalador e bombeiro militar Aleksandro Urbano, que estava na P1 da via Nos Tempos da Brilhantina quando ouviu e avistou o Edi na parede ao lado. O Urbano rapelou da P1, e escalou até ele em solo, fez o primeiro atendimento, e depois foi acionado o resgate e feito o transporte via helicóptero.



4 Nos Tempos da Brilhantina

Local aproximado onde o Edi Carlos foi localizado.

Segundo relato da vítima, ele escalou a parede numa tentativa de ser avistado pelo helicóptero Águia que estava sobrevoando a área. Esse fato foi antes do incêndio que ocorreu no morro no mês seguinte, nessa época tinha bastante mato na parede, facilitando a ascensão. De todo modo, foi uma situação bem inusitada e perigosa!

Por sorte, nos dois casos citados as vítimas foram encontradas com vida e sem ferimentos graves.

Incêndio no Morro Pelado

No dia 29 de maio de 2020 teve um incêndio que se iniciou a partir do cume do Morro Pelado e que se alastrou por grande parte da face rochosa.

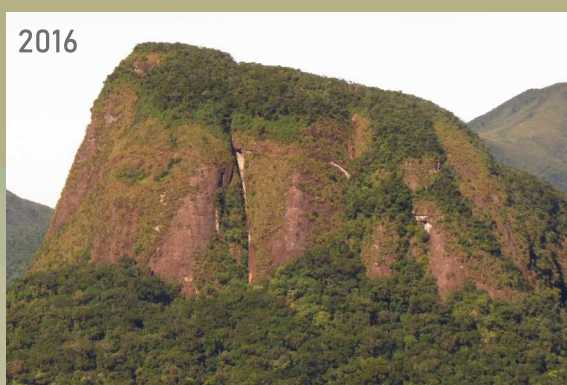
A fonte do fogo, segundo testemunhas, foi um grupo de cerca de 6 homens que estava jogando “bombinhas” de cima do cume. Era uma época de estiagem, e a mata estava muito seca, o fogo se alastrou rapidamente e pode ser visto de longe, inclusive, da cidade de Joinville.

Os danos ambientais para o ecossistema do morro são incontáveis, havia árvores em estágio avançado de desenvolvimento que foram completamente tomadas pelo fogo. Foi protocolada denúncia no Ministério Público e Polícia Civil, mas os responsáveis não foram responsabilizados.

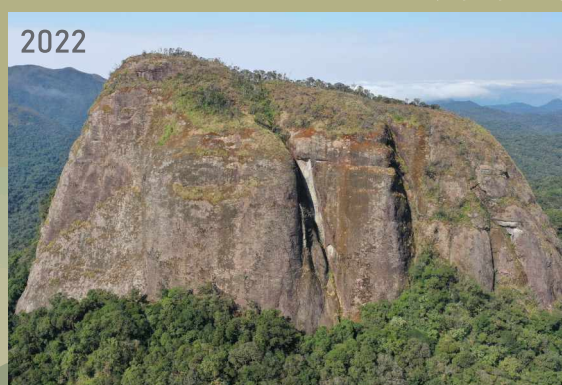
A paisagem do morro foi bastante modificada após essa ocorrência, e parte da parede que antes era coberta por mato passou a ficar exposta. Inclusive alguns trechos de trepa-mato de vias. Duas vias foram abertas após esse incêndio, sendo elas: Nu e Fogo do Criador. O mato está crescendo aos poucos e a cada ida nessas vias é notória a mudança, principalmente na primeira enfiada de cada uma delas.



Foto: Yara de Mello (29/05/2020).



2016



2022

Fotos: Yara de Mello.



ANTES



DEPOIS

Fonte: Google Earth.

Documentário Caminhos da Serra do Mar

O documentário Caminhos da Serra do Mar, lançado em 2023, conta um pouco da história do montanhismo na região de Joinville, assim como trata de aspectos naturais e históricos relacionados ao tema. São retratadas cinco montanhas principais: Monte Crista, Mo. da Tromba, Pico Jurapê, Castelo dos Bugres e Mo. Pelado.

Além de trazer algumas informações sobre o morro, também tem uma entrevista com o Dani Casas sobre o desenvolvimento da escalada em rocha na região.

O documentário está disponível no Youtube, vale a pena conferir!



Cenas do documentário.

Espécie de carrapatos encontrada na região

No Morro Pelado, Castelo dos Bugres e Castelinho, há uma quantidade significativa de carrapatos no decorrer das trilhas, em meio a vegetação, bordas ou embaixo de folhas, arbustos, grutas e seu entorno, é comum pegar muitos e raro não encontrá-los.

O principal vetor de transmissão da doença Febre Maculosa (FM) no Brasil é o carrapato *Amblyomma sculptum*, popularmente conhecido como carrapato estrela, porém em Santa Catarina o principal transmissor da FM é o *A. ovale* (*Rickettsi parkeri* cepa Mata Atlântica).

Por meio da investigação vetorial realizada pela Vigilância Ambiental de Joinville em Julho/2025 no percurso da trilha do Castelo dos Bugres, foram coletados carrapatos e enviados ao laboratório de entomologia da DIVE para identificação. Após análise e devolutiva, considerando o resultado do laudo, concluiu-se que:

Os carrapatos coletados na trilha do Castelo dos Bugres são do gênero e espécie, *Amblyomma brasiliensis* respectivamente, e SIM, são possíveis vetores e responsáveis pela disseminação de riquetsias e casos de febre maculosa no Brasil, embora se desconheça casos de Febre Maculosa transmitida por *A. brasiliensis* em Santa Catarina. Cabe mencionar que a Febre Maculosa não é a única patologia causada pela picada de carrapatos, sendo possível ocorrer outras manifestações que vão desde infecções locais a paralisias sistêmicas, alergias e outros.

Portanto, diante do exposto, ao transitar nas trilhas da região é indispensável e relevante a importância quanto às medidas individuais de prevenção para minimizar a permanência ou o contato com esses ectoparasitas:

1 - Recomenda-se o uso de blusas de mangas longas de cores claras e calças compridas de preferência sintéticas e parte inferior com elástico nos tornozelos ou por dentro das meias, colocando as blusas por dentro das calças, servindo de barreiras físicas, dificultando a progressão do carrapato. Essa medida não impede que os carrapatos subam pela roupa, mas previne o contato direto com a pele. Pode ser utilizado a polaina como item adicional;



RECOMENDAÇÕES

2 - Não há repelentes específicos para carrapatos, mas existem opções que contêm DEET (N,N-Dietil-meta-toluamida) ou ICARIDINA que são eficientes no controle, foi demonstrado que o uso de repelente diminui efetivamente o risco de picadas quando aplicados sob as roupas ou diretamente na pele. Aos que buscam algo mais natural para uso pessoal, há estudos e pesquisas em andamento sobre a eficácia de produtos naturais como óleos e essências provenientes de eucalipto, citronela, gerânio, lavanda e cedro;

3 - Sugere-se vistoriar o corpo em busca de carrapatos em intervalos de 2 à 4 horas quando caminhar em áreas infestadas, pois quanto mais rápido for retirado o carrapato, menor será o risco de transmissão de possível doença ou desconforto;

4 - Ao encontrar um carrapato aderido ao corpo, o indicado é removê-lo imediatamente por meio de movimentos circulares, se possível com o auxílio de uma pinça, não apertar ou esmagar. É importante lavar a área da ferida com bastante água e sabão, preferencialmente com função antibacteriana;

5 - Para eliminar carrapatos ainda não fixados, ao retornar da atividade, recomenda-se tomar um banho com água aquecida, associada à minuciosa inspeção física;

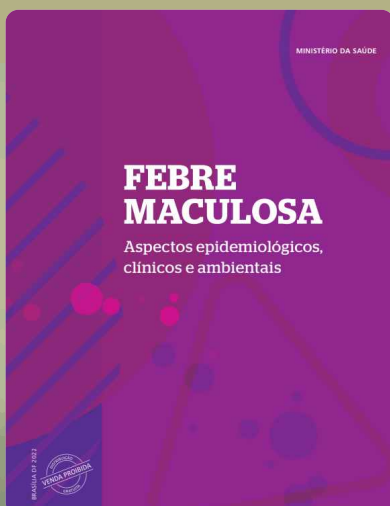
6 - Evite montar acampamento próximo as trilhas de animais (ex.: Anta) pré estabelecidas, pois são os locais que permanecem a maioria dos carrapatos.

⚠️ ALERTA ⚠️

Pessoas que tenham sido picadas por carrapatos e apresentarem nos 15 dias subsequentes: dores de cabeça e no corpo, náuseas e vômitos, calafrios, febre e pontos avermelhados na pele, devem procurar atendimento médico e reportar o caso.

Em casos de dúvidas entre em contato com o Serviço de Vigilância Ambiental de Joinville
Celular: (47) 988-568-046.

Sobre aspectos epidemiológicos, clínicos e ambientais da FM no Brasil e demais informações, consulte os manuais publicados Febre Maculosa do Ministério da Saúde e o Boletim Barriga Verde da Vigilância Epidemiológica do Estado de SC.



Manual "Febre Maculosa" do Ministério da Saúde.



Folder "Febre Maculosa" do Boletim Barriga Verde da Vigilância Epidemiológica do Estado de Santa Catarina.

Relato de Leandro Mathias Julho/2025

Acho válido o relato de que ele, o seu Valdemar, sempre ajudou os montanhistas. A primeira vez que fui no Pelado, eu ganhei um mapa feito a mão pelo seu Valdemar, conversei com ele sobre bifurcas e pontos de bivaque, na época a trilha do Rio da Prata estava aberta e tinha uma bifurca importante nesse local, caracterizado por um tronco caído no chão, chegou no tronco pega a direita, pois a esquerda descia pro Rio da Prata.

A gruta ainda não era totalmente plana como conhecemos, quem fez a melhoria na gruta foi o falecido Raul, que fez melhoria não só no Pelado como em vários outros mocós das montanhas da região.

O seu Valdemar tinha um livro de frequência que foi dado pela AJM e um mapa manual que ele mesmo fez, e era distribuído cópia para quem quisesse acessar o Pelado na época e a frequência de pessoas perdidas era pouca, orientando-se pelo mapinha.

Para chegar no Pelado tinha que pegar o

ônibus da linha Quiriri Serra ou o Reunidas. Se pegasse o Quiriri Serra tinha que subir a serra a pé, se pegasse o Reunidas parava na borracharia, mas tinha apenas dois horários, às 07h e às 19h.

Antigamente tinha o banhado das Antas, que era um lugar que tinha água empoçada, às vezes estava limpa e às vezes com fezes de anta, fervendo aquela água, servia para fazer comida e até beber. E a subida para o cume era pelas costas da montanha, era por trás, pelo lado da gruta, passava a trilha do Fundão que ou ia para o cume ou para o lado do Rio do Júlio.

Para subir o cume não necessariamente passava pelo Mocó, porque a trilha do Fundão passava por baixo do Mocó. Para subir o Mocó vinha pela trilha do Fundão na bifurcação pegava à esquerda e saía reto no Mocó e próximo desta bifurcação tinha o banhado das Antas. E a trilha para acesso ao cume continuava.

Relato de Yara de Mello Julho/2025

O meu primeiro contato com a região da serra do Piraí foi em 2005, quando pela primeira vez subi o Castelo dos Bugres (minha primeira montanha). Lembro que fomos eu, a minha irmã Mariana, a minha prima Tina, acho que o Valério e quem guiou a turma foi o “Ruivo”. Fomos pela trilha nova e retornamos já era de noite. Lembro que nos perdemos durante a volta, além do escuro, acho que ninguém tinha lanterna.

Mas para ver como os tempos mudaram! Hoje ir num final de semana no Castelo significa não ter paz com a montanha, e se perder na trilha batida como está é quase inimaginável.

Minha primeira vez no morro Pelado foi por volta de 2007 com um amigo de Piracity: o Jean. Fomos para acampar no Mocó, lembro que no caminho ele me mostrou um abrigo de caçador numa pequena “gruta” com uma

“quase vista” para o Castelo, tinha painelas e vários vestígios da ocupação deles. O Jean conhecia a região justamente por ir com esse tio (caçador), que se não me falha a memória está relacionado com a instalação daquela placa antiga na boca da trilha do Castelo e Pelado.

Depois disso fui mais algumas vezes com o Jean, e lembro de nos perdemos, tinha uma época que a trilha que desce para o Rio da Prata estava mais batida que a trilha do Pelado no trecho da bifurcação, me recordei que andamos, andamos e não chegava nunca, de repente olhei para trás e lá longe estava o Pelado, acabamos retornando para casa. A gente ia mais para acampar no mocó, e não fazia o caminho tradicional que vai até o cume para chegar no mocó, a gente ia pela trilha do Fundão. Uma vez acampados lá chegaram os bugios, que começaram a

fazer xixi e jogar fezes na gente, mas o mocó acabava protegendo, fizeram muito barulho, e tinha muito xixi na bexiga deles também! Outra vez, ou dessa, já não lembro, pegamos muitos carrapatos, foi o recorde, um “bolo” no braço no caminho, e quando chegamos no mocó cada um tirou mais de 100.

Nos primeiros anos frequentando era de praxe dar uma paradinha no retorno na barraca do Sr. Valdemar, estava quase sempre aberta, vendia comida, aquelas bananas chips, bebida, cerveja, até caldo de cana teve numa época. Geralmente tinha algum conhecido dele lá tomando uma pinga, e a esposa por vezes aparecia. A gente parava por lá e sempre batia um papo, muito gente boa! Ele tinha um primo que ficava lá sentado na casinha dele do lado da borracharia e só ficava observando, mas não se misturava muito.

Aconteceu de a gente subir de ônibus da Reunidas que ia para Campo Alegre, uma vez tivemos que descer andando a serra até lá no Hubener e ligar do orelhão para alguém vir buscar... O Sr. Valdemar sempre comentava que tinha uma irmã que mora na Estrada do Pico, minha vizinha, e que tem um alambique. Com o passar do tempo, toda vez que ia lá ele perguntava quem a gente era, e quando falava que era da Estrada do Pico, ele “ahhh sim, tenho uma irmã que mora lá...” Até que um dia ele não estava mais lá, veio morar em Joinville com alguma filha, primeiro no Aventureiro e depois na Estrada Rio da Prata, o Alzheimer se manifestou, uma pena.

A partir daí se iniciou uma nova fase, o primo que ficava no canto da borracharia começou a chamar a gente para ir tomar uma cerveja com ele e bater um papo no retorno das trilhas (ou Castelo ou Pelado), ele manteve contato com o fornecedor da Brahma que entregava cerveja para o Sr. Valdemar, eles vendiam para ele, e ele vendia para gente, na época era dez reais o litrão. A gente pagava e ele bebia junto, e tomava a pinga também. A lenda no caso era o seu Wilson, grande contador de histórias, conhecia muito da região, era muito bom conversar com ele. E a cerveja batia forte, mesmo com aqueles copos americanos que nunca viram uma esponja, a cerveja descia redondo. Bebendo e tirando carrapatos...

Nesse período o Ivo também foi morar lá, numa época tinha alguém que alugou o bar e tinha um cara que ficava cuidando, depois outro, e o Ivo ficava por lá também. Era engraçado que um falava do outro, sentava para tomar uma cerveja com o Ivo no bar, ele falava do Wilson, sentava para tomar uma cerveja com o Wilson na casa dele e ele falava do Ivo. Sentia que era um momento de desabafo deles.

Meu primeiro meio de transporte com motor foi uma moto biz. Eu tenho 1,68 de altura, a Mari acho que 1,72. Uma vez subimos nós duas de “biz 125” até lá e na curva antes do Mirante para quem sobe achei que ia ter que pedir para a Mari descer da moto porque ela (a moto) tava quase voltando para trás. Viramos piada para eles, que sempre que a gente chegava falavam que as duas “grandonas” vieram de biz pela serra...

Fui muitas vezes fazer a trilha antiga do Castelo sozinha, e sempre parava lá para conversar com eles. No início eles se admiravam que eu subia sozinha, diziam que quando eu chegava eles mal viravam as costas e eu já tava voltando, mas aos poucos se acostumaram com a ideia, e eu me sentia segura também com a presença do Wilson ali.

Acho que foi em 2024 que veio a notícia que o Wilson tinha partido, veio a falecer assim, sem aviso prévio, sem nem uma despedida. Desde lá a base da montanha não é mais a mesma, não tem mais a cerveja gelada e a boa conversa de cada retorno. Deixou saudades!

Não posso deixar de falar que as dogs do Wilson se davam bem com comida, pois uns funcionários do Hotel Dona Francisca vinham ali tomar uma cerveja e traziam restos de comida do restaurante, principalmente carne. Teve uma que foi atropelada e estava com uma das patas pendurada, a Manquinha, eu trouxe ela para Joinville, fez a cirurgia pelo abrigo animal, fiquei em casa cuidando dela, mas infelizmente veio a falecer, pois pegou cinomose no abrigo.

São muitas lembranças que ficam na memória, pode ser que uma informação ou outra esteja meio trocada, mas deixo em algumas poucas palavras registrado alguns momentos que vivi por aqui.

Relato de Diogo Ranieri sobre a conquista da Via Old Is Cool Agosto/2025

A via começou a ser feita em meados de 2019 quando Alessandro Rosário (Jésus), e eu, Diogo Ranieri (Sabiá) tivemos a ideia de abrir uma via no Morro Pelado, ele já havia participado da abertura de outras vias no setor e vislumbrava esta linha.

- Ok, mas como iremos conquistar a via? Já que não temos furadeira... Mesmo nos tempos atuais com a abundância de equipamentos a bateria, poderíamos ter pedido emprestada a algum amigo, mas optamos por resgatar e reviver a forma "roots" de abrir vias, batendo os furos à mão e sem batedor profissional, como era realmente feito "nas antigas", com uma broca e um improviso para segurá-la (foto).

No primeiro dia de conquista gastamos muito tempo fazendo a jardinagem para avançar, pois os primeiros metros do Morro Pelado costumam ter muita influência da sombra das árvores, o que ajuda a formar uma camada grossa de musgo e mato por consequência. Enfim, batemos 4 chapas na primeira empreitada, cada furo levava em média 40 minutos para ser feito.

Na segunda investida, algumas semanas depois, batemos mais 3 chapas contando com a parada onde foi duplicada, tendo a primeira cordada 30 metros em 5 chapas mais a parada dupla, todas batidas à mão. Foi aí que surgiu o nome da via: Old Is Cool, uma alusão à Old School = Velha Escola, em homenagem a tradição e a turma das antigas.



Broca utilizada na conquista.

Relato de Reginaldo Carvalho – “Outono de 1994” Outubro/2025

Era um sábado, 21 de maio de 1994 — um final de semana de outono daqueles perfeitos para estar na serra. Fomos tentar subir o Morro Pelado, um dos cumes da Serra do Mar joinvilense que ainda não conhecíamos. Éramos nove jovens escoteiros, já completamente tomados pelo fascínio do montanhismo. O grupo era formado por André, Cristian, Daniel, Evandro, Jair, Márcio, Rogério, Theno e eu.

Em uma outra ocasião, André e eu já havíamos tentado, sem sucesso, uma subida ao Morro Pelado. Erramos o trajeto, caminhamos um montão até perceber que estávamos fora do caminho certo. Foi o nosso primeiro contato com o emaranhado de

trilhas e rios dos fundões da Serra do Piraí e Dona Francisca.

Dessa vez, porém, foi diferente. Apesar de um pequeno atraso na saída do grupo escoteiro, logo já estávamos com os pés na trilha. Conseguimos acertar o caminho principal sem grandes dificuldades, apenas precisamos farejar eventuais bifurcações em alguns trechos. Depois de cerca de duas horas e meia de caminhada, chegamos à base do paredão.

Lembro-me bem do momento em que nos aproximávamos da montanha, fiquei impressionado com as paredes verticais que se revelavam entre as frestas do dossel da

floresta, contrastando com o azul límpido do céu outonal. O sol projetava seus feixes sobre as gotículas de evapotranspiração da mata, criando um clima quase místico no ar. Estávamos confiantes, na minha cabeça, nada poderia nos impedir de alcançar o topo dessa vez.

Ao chegarmos nas proximidades da base do paredão, a trilha tornou-se sutil e confusa. Paramos ali mesmo, aos pés daquela intimidante parede rochosa. Arreamos as mochilas no chão e nos dividimos para procurar algum vestígio de trilha mais definida.

Daniel, Cris, Theno e eu seguimos para a esquerda. Após alguns minutos contornando a base do paredão, avistamos uma grande árvore, apoiada contra a rocha por um emaranhado de raízes aéreas que subiam como cordas naturais, entrelaçadas na vegetação.

Sem perceber, já estávamos escalando aquele “jardim vertical”, digno de fazer inveja a Burle Marx, uma tapeçaria viva de ipês, clusias, damas do abismo, lianas e bromélias, todas crescendo sobre uma massaroca de capim, raízes e solo incipiente que sustentava tudo, inclusive nós. Era claro que a trilha não passava por ali.

Estávamos literalmente metidos no trepamato da face norte do Pelado. Theno, mais sensato, desistiu logo no início e nos alertou sobre as dificuldades. Mas nós três insistimos em continuar subindo.

A parede ficou cada vez mais vertical e com menos pontos de apoio que se limitava em pequenas arvoretas, bromélias e tufo de mato. A escalada se tornava cada vez mais arriscada, e não estávamos equipados para aquele tipo de terreno, tão pouco, tínhamos experiência técnica em escalada.

Daniel seguia na frente, eu vinha no meio, e Cris fechava o trio. Depois de um trecho exposto, escalei mais uns dez metros. De repente, ouvi um som seco, grave, algo rolando e quebrando a vegetação abaixo. Era o Cris caindo.

Congelei. Um silêncio absoluto. Então ouvi sua

voz lá de baixo: Regi!!! Caí, cara! Machuquei o braço e o pé! Meu coração disparou. Puta merda, agora fudeu, pensei. Logo ele gritou que conseguia andar, e disse que iria tentar se encontrar com o restante do grupo.

Daniel estava mais acima, avisei a ele que iria descer e comecei a delicada destrepada naquele mato quase vertical. Logo abaixo, em uma seção mais vertical, ao me apoiar em uma arvoretinha de ipê, o galho cedeu. Meu pé escorregou e repeti a mesma queda do meu amigo.

Devia ter sido uns trinta metros de altura, rolando e quicando, Like a Rollin' Regi... Enquanto despencava, vi a cara da morte, como no refrão de Cazusa, e minha vida inteira passou diante dos olhos.

A cada impacto, sentia o corpo bater contra o mato e, por sorte, acabei caindo sobre as copas das árvores, elas amorteceram o impacto e me salvaram de algo mais grave. No chão, não sentia dor. Tentei me levantar, mas logo percebi que não conseguiria, havia quebrado a tíbia e o perônio da perna esquerda. O mundo girava. Lembro-me dos meus amigos ao redor, fazendo perguntas para verificar se eu estava consciente. Tudo rodava, mas eu via em seus semblantes a preocupação com a gravidade da situação.

Em poucos minutos, os escoteiros entraram em ação. Me alinharam sobre uma superfície firme, imobilizaram a perna quebrada e improvisaram uma maca com varas, camisetas, cintos e lenços escoteiros. Fui levado para um ponto mais plano, onde montaram uma barraca. A preocupação agora era também com Daniel, que ainda não havia descido.

Por sorte, ele havia alcançado o topo e encontrou um caminho mais seguro para descer, mesmo assim, precisou provar toda sua habilidade para destrepar o paredão. Depois de alguns minutos tensos, chegou à base são e salvo.

Quando Daniel se juntou ao grupo, veio a grande questão: como me tirar daquela roubada? Theno e Jair, responsáveis pelo grupo, realizaram uma reflexão e uma oração, Daniel e Rogério, os mais rápidos e

experientes, se prontificaram a buscar socorro. Os dois caminharam toda a trilha de volta, depois seguiram por quilômetros de acostamento até uma casa que possuía telefone. De lá, ligaram para a Polícia Militar, que na época mantinha um pequeno grupo de paramédicos para ocorrências urbanas. Conseguiram finalmente entrar em contato com a Polícia Militar, que se prontificou a enviar uma equipe de resgate.

Daniel e Rogério ficaram no ponto de início da trilha aguardando o socorro chegar, até que, horas depois, os policiais chegaram. Daniel e Rogério então conduziram os três agentes até o ponto onde eu estava, já durante a noite. Por volta das dez e meia da noite, eles finalmente alcançaram nosso acampamento improvisado. Minha perna estava muito inchada, a dor era intensa, mas minha consciência já havia voltado por completo.

Os policiais me avaliaram, fizeram uma imobilização mais adequada e iniciaram o transporte em uma maca rígida de madeira. A partir daí, começou a parte mais longa e dolorosa da jornada. Durante toda a madrugada, eles me carregaram pela trilha estreita, íngreme e escorregadia. A maca caiu diversas vezes, por escorregão ou fadiga de quem estava carregando. Cada solavanco era uma fisgada de dor infinitamente aguda que me fazia sussurrar.

Os policiais, apesar de esforçados, não estavam preparados para aquele tipo de operação em terreno de mata fechada. O cansaço físico e emocional tomava conta de todos: os jovens escoteiros, já exaustos e abalados pelo acidente, e os próprios agentes, alguns tentavam manter a calma e o controle da situação.

Foram horas intermináveis de esforço coletivo, em meio à escuridão e ao cansaço. Pouco antes do final, chegou reforços, uma tropa de choque, chamada para ajudar no resgate, estavam sendo guiados pelo Saudoso Wilson borracheiro, grande conhecedor das trilhas serranas. O grupo estava munido de um grande holofote a bateria automotiva que além do peso, logo deixou de funcionar.

Era evidente que também não tinham preparo para aquele tipo de missão, porém, ainda assim, contribuíram com o que puderam no trecho final, ajudando a carregar a maca. Wilson ia na frente abrindo caminho pela mata com seu facão.

Somente por volta das seis da manhã, conseguimos finalmente alcançar o ponto de início da trilha onde uma ambulância aguardava.

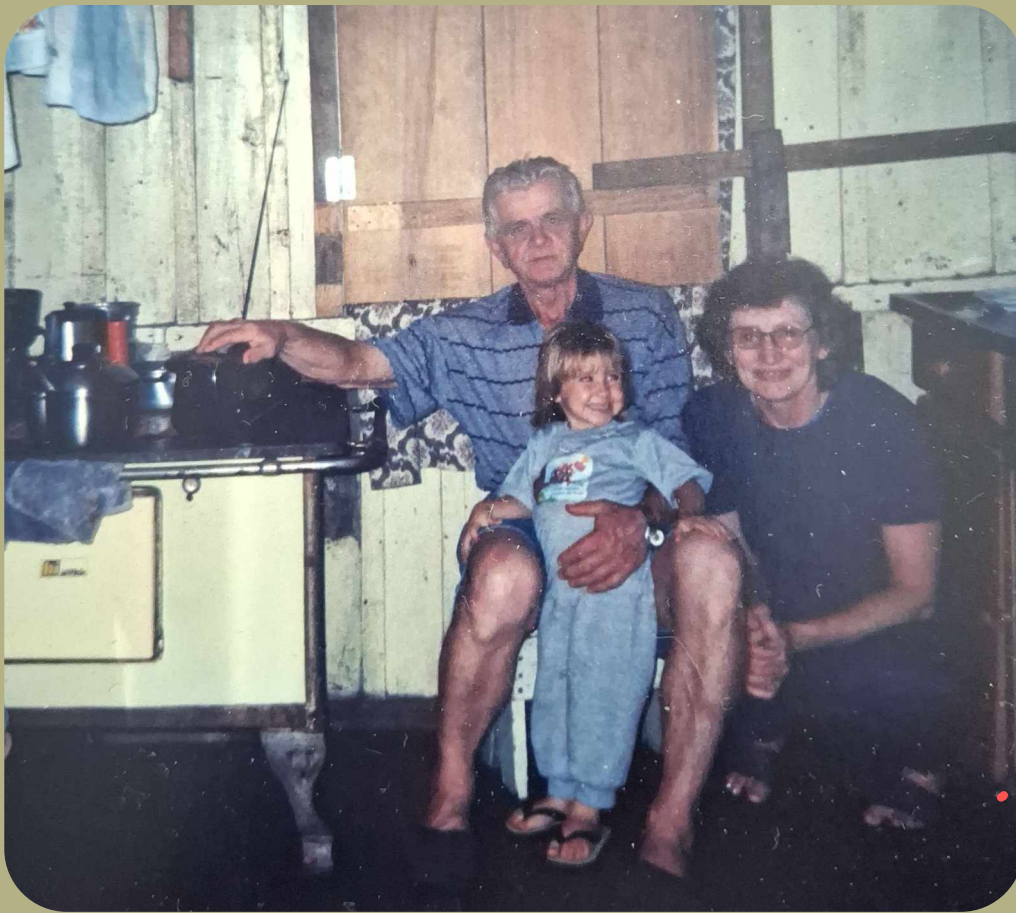
Naquele dia, o Morro Pelado me ensinou de forma dura, que toda montanha é viva, e que a força que a ergueu ainda pulsa sob nossos pés. Ao despencar de sua parede, senti por um instante a dimensão do tempo que a esculpiu, o mesmo tempo que, em um segundo, pode transformar carne e osso em lembrança.

A rocha, paciente, testemunha de eras, apenas me acolheu como acolhe o rio que a fere, sem rancor.

Desde então, cada retorno à montanha é uma forma de reconciliação, não com o medo, mas com a própria Terra, que me lembrou, em queda livre, que somos feitos do mesmos minerais do qual ela nasceu.

Registros e memórias





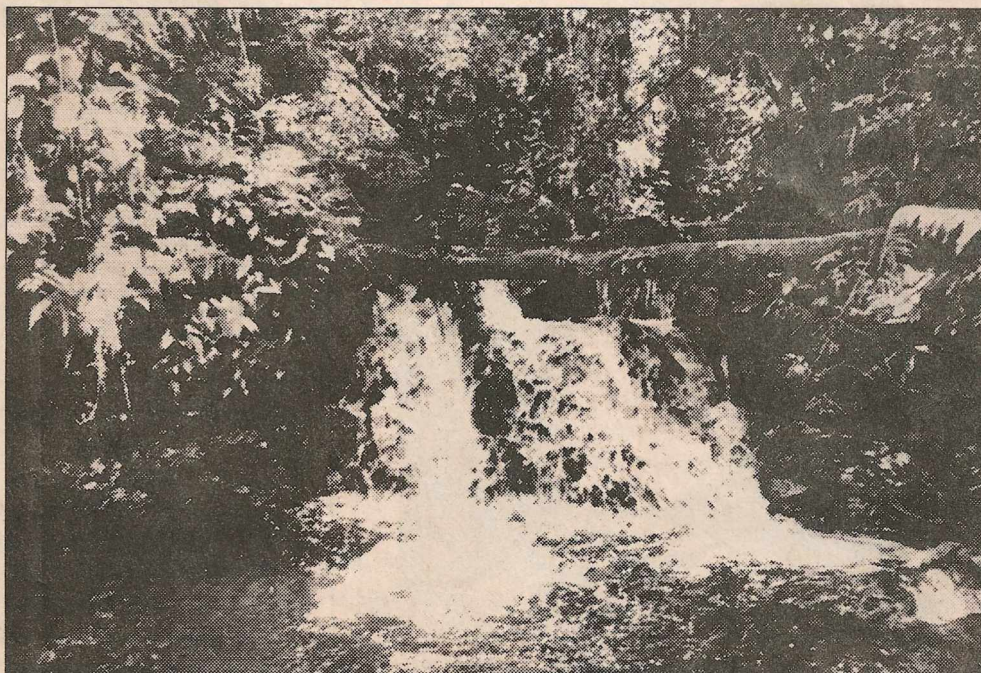
Valdemar Meyer, sua esposa Edetrudes Krelling Meyer e sua neta.
Fonte: Arquivo pessoal Rosane Meyer.

Comerciante reclama falta de atenção

Fotografar o Morro Pelado de perto é praticamente impossível. A floresta espessa e alta impede um ângulo global. O jeito é se afastar um quilômetro para poder enquadrar toda a formação rochosa. Apesar de não existir uma trilha definida que leve ao topo, é cada vez mais constante o número de pessoas que visitam o local, conta **Valdemar Meyer**, proprietário de uma lanchonete na entrada da trilha que leva ao Morro do Pelado e ao Castelo dos Bugres. O comerciante reclama da falta de

atenção da Secretaria de Turismo da prefeitura de Joinville. No seu entender, as trilhas deveriam ser melhoradas para dar maior segurança aos visitantes. “Constantemente tem gente se perdendo na floresta”, conta Meyer. Ele defende também a instalação de lixeiras em alguns pontos das trilhas para que o lixo não seja jogado ao longo do caminho. O problema do lixo existe, sobretudo na trilha do Castelo dos Bugres, que é mais frequentada. Frascos e pacotes plásticos, garrafas e latas de cerveja e refrigerantes

poluem o ambiente. O aumento de visitantes exige, sobretudo, ações que garantam a exploração do turismo ecológico de forma harmoniosa, sem agressões ao ecossistema. Ressaltando que o turismo ecológico é uma prática emergente na região, Valdemar Meyer defende a infra-estrutura e campanhas de conscientização da população. “Uma campanha conscientizando as pessoas a não jogarem lixo nem arrancarem folhagens, viria em boa hora”, alerta o comerciante.



Riachos com águas cristalinas e habitados por cardumes de lambaris aparecem durante o percurso ao Morro Pelado

AN regional

Sexta-feira, 30 de setembro de 1994



Local da antiga lanchonete do Sr. Valdemar, 2022.



Sr. Wilson. Fonte: Desconhecido.



Registros da antiga morada do Wilson e do seu último carro, 2025.



Alexandre, Daniel e Reginaldo na regrampeação da via Tempos da Brilhantina, 2018.



Repetição da via Fenda Principal durante os trabalhos de campo para elaboração do Guia, 2025.

REFERÊNCIAS

Klein, R. M. (1978). Mapa fitogeográfico do estado de Santa Catarina (p. 24). Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues.

Mancinelli, W. S., & de Camargo Smidt, E. (2015). *Homalopetalum joinvillense* (Epidendreae; Epidendroideae; Orchidaceae): a new species from Southern Brazil. *Phytotaxa*, 202(4), 279–283.

Meyer, F. S., & Goldenberg, R. (2016). Four new species of *Chaetogastra* (Melastomeae, Melastomataceae) from southern Brazil. *Phytotaxa*, 282(4), 239–258.

Myers, N., Mittermeier, R. A., Mittermeier, C. G., Da Fonseca, G. A., & Kent, J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, 403(6772), 853–858.

Sobral, M., Molz, M. & Vieira, F.C.S. (2019) Two new species and one nomenclatural note in Myrtaceae from Santa Catarina, Brazil. *Phytotaxa* 425: 96–104.

Veloso, H. P. (1982). *Fitogeografia brasileira: classificação fisionômico-ecológica da vegetação neotropical*. RADAMBRASIL.

Vieira, F. C. S., (2020). A new species of *Myrceugenia* (Myrtaceae) from Southern Brazil. *Phytotaxa*, 435(2), 208–212.

Vieira, F. C. S., Fonseca, H. L. D., Meireles, L. D., Zavatin, D. A., Sano, P. T., & Lucas, E. (2025). Amidst the cloud forests of the mountains, three new species of Brazilian *Myrceugenia* (Myrtaceae) are described. *Phytotaxa*, 691(2), 201–210.

Vigilância Sanitária de Joinville. Processos SEI nº 25.0.153694-5 e 25.0.181084-2, Memorandos 25973944 SES.UVS.VAM, 26292245 SES.UVS.VAM e Anexos.

SITES:

<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/Cartilha-do-Usu%C3%A1rio-%C3%81rea-de-Prote%C3%A7%C3%A3o-Ambiental-Serra-Dona-Francisca-mai2020.pdf>

<https://www.sosma.org.br/noticias/orientacoes-aos-visitantes>

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/docmulti.aspx?bib=acervo>

https://www.icmbio.gov.br/parnaitatiaia/images/stories/Normas_UP/Norma_para_abertura_de_via_de_escalada-PNI_-30.12.2014.pdf

<https://www.abgm.pro.br/wp-content/uploads/2024/06/Manual-Tecnico-Basico-ao-Avancado-em-Escalada.pdf>

<http://ciatox.sc.gov.br/index.php>

<https://fememg.org.br/wp-content/uploads/2021/06/principios-e-valores-do-montanhismo-cbme.pdf>

https://cbme.org.br/novo/wp-content/uploads/2017/01/CBME_DT_2016_01-1.pdf

https://fememg.org.br/wp-content/uploads/2023/07/FEMEMG_guiapaaraa-elaboracao-de-croquis_final-jul23.pdf

https://cbme.org.br/novo/wp-content/uploads/2017/01/CBME_DT_2016_01-1.pdf

https://feemerj.org/wp-content/uploads/feemerj_to_bolt_or_not_to_be.pdf

https://feemerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-MAN-2018-01-Boas_Praticas-_Sinalizacao_em-Trilhas.pdf

O Morro Pelado é mais que uma rocha a ser conquistada: é um templo natural moldado por milhares de anos, que resiste e abriga um refúgio da Mata Atlântica. Cabe a nós proteger essa riqueza para que possamos compartilhar momentos únicos e garantir que a fauna que habita essas montanhas permaneça como legado às futuras gerações.

Juliane Petry, 2025.





**ASSOCIAÇÃO
JOINVILENSE DE
MONTANHISMO**